

MOMENTO *feminino*

LAVRADIO, 55, Sala 14 — RIO
6.ª-feira, 7 de Novembro de 1947
CR\$ 1,00 ★ ANO I ★ N.º 16

UM JORNAL PARA O SEU LAR



A juventude brasileira quer e deve ser alegre e feliz. Ela tem direito à vida como senhora do futuro. Escolas, universidades, diversões, bibliotecas e esportes para os nossos jovens!

É bom saber . . .

Para tirar as manchas de umidade das roupas usa-se uma mistura de pó comum, pó de goma, sal fino e sumo de limão. Aplica-se de ambos os lados do tecido manchado e deixa-se secar.

★

Cola-se muito bem a porcelana amarrando com um fio os pedaços colocados no seu lugar e levando ao fogo dentro de uma panela com leite. Fervendo cerca de vinte minutos, deixa-se secar e seguida.

★

Para espantar moscas embebe-se um mataborrão com álcool canforado e essência de terebentina. O ambiente fica com um cheiro agradável e refrigerante.

★

Para tirar o cheiro da cebola das mãos, lave-se as mesmas com pó de café já servido.

★

Para limpar a palha das cadeiras, use-se suco de limão e uma escova.

JARARACA

Convida todas as suas fans para o angú á baiana dançante na Granja das Garças, pró-impressão popular em Campo Grande.

AS MULHERES PAULISTAS VITIMAS DA CHACINA DO ANHANGABAU

O DIREITO À REUNIÃO É MAIS UMA VEZ VIOLADO. SÓ A UNIÃO DE TODAS AS MULHERES GARANTIRÁ ESSE DIREITO

Está já no conhecimento de todos o que se passou em S. Paulo no dia 5 corrente quando se realizava um comício pró candidatura Cirilo Junior. Sabemos como essas cousas acontecem. Temos ainda vivas em nossa lembrança o que foi o 23 de maio no Largo da Carioca e o 22 de agosto de 47 na praça do Expedicionário.

A polícia política provoca os conflitos para, logo depois investir furiosamente contra o povo. Na hora de prestar contas, essa mesma polícia declara que houve revolta do povo e ela apareceu "apenas" para manter a ordem. O cronista Rubem Braga há muitos anos atrás dizia que a polícia chega sempre para fazer a desordem. Assim foi em S. Paulo. Assim será enquanto não for respeitada a nossa Constituição que garante o direito de livre reunião. Na relação das mulheres feridas que pelo posto médico da Polícia Central, no Pátio do Colégio,

passaram, para receber os curativos notam-se: Herna Hoembiguer, residente à rua Silva Teles, 588; Amelia Nogueira, residente à rua Largo da Estação, 3; Adelina Pereira, moradora à rua Conselheiro Carrão, 556; Maria Teresa de Jesus, residente à rua Conselheiro Carrão, 554; Dolores Gomes e sua filha Carmen, moradoras à avenida Rebouças, 1.507; Maria José Guachos, residente à rua João Moura, 334.

Essas as que procuraram socorro na Assistência. Sabemos também, que muitas e muitas outras feridas e pisadas preferem curar, em casa, as marcas da violência e do crime.

Solidarizando-nos com as mulheres paulistas, mais uma vez afirmamos convictamente: só a união de todas as mulheres pertencentes a todos os partidos democratas fará com que tenhamos no Brasil o respeito aos nossos direitos de cidadãos livres. A democracia brasileira depender de nossa união.

MUNDO DE HOJE



MUNDO DE HOJE

ENEIDA



MUNDO DE HOJE

As mulheres anti-fascistas espanholas publicam, em Paris, um boletim (enderço: 21, av. des Champs Elysées-Paris). A leitura desse jornal é tão impressionante e comovedora que seria interessante recomendá-la às mulheres do Brasil, principalmente na nossa hora atual em que o grupo fascista esperneia, em que o povo brasileiro assiste a uma das mais importantes páginas de sua história: a da luta intransigente pela Democracia, a luta para que sobrevivam os direitos populares, para que não sejam mais uma vez abafados e afogados em sangue os princípios democráticos que baseiam as instituições e a vida individual de cada um de nós.

Aquela mulher tão grande na sua luta e que por isso mesmo conquistou um lugar relevante na política mundial — Dolores Ibarruri — exclamou uma vez que "não pode haver democracia no mundo enquanto houver fascismo na Espanha". Sua frase é de tal maneira profunda e verdadeira que a sentimos em nossa própria carne. A democracia avança no mundo tendo a barrá-la aque-

les que não morreram com Hitler ou Mussolini, os seus herdeiros, os homens da reação, os inimigos da cultura e da felicidade para todos. A Espanha fascista, Portugal fascista, são os exemplos e os incentivadores desses grupos espalhados pelo mundo, grupos que não despiram as camisas pardas, pretas, azuis, verde oliva.

Somos a geração de duas guerras. Nascermos e crescemos na ameaça diária e sombria das batalhas, dos canhões, dos cárceres, da privação de nossas liberdades. É mais do que claro que não mais suportaremos viver como escravos. Aprendemos nessas guerras e nos pequeninos momentos de paz em que temos vivido, que a liberdade faz parte integrante de nossa vida, que a democracia é no momento o único regime compatível com os nossos desejos, nossas aspirações e nosso bem estar pessoal e coletivo. E lutar pela democracia em nossos países é lutar contra o fascismo espanhol, português, etc.

"Os homens de que necessitamos para que triunfe a República na Espanha são homens que lutem, e não homens que gemam,

homens que combatam e não homens que resignadamente enfiem a cabeça sob os monturos da reação. Pode-se cair, mas cair lutando é uma honra; e entregar-se sem luta é uma covardia!"

Esta frase de Dolores Ibarruri serve não só aos democratas espanhóis. Ela é como que um apelo aos homens de caráter do mundo para que não gemam, lutem; para que não baixem a cabeça diante da reação; para que não caiam e se isso acontecer, que caiam lutando.

Os anti-fascistas espanhóis espalhados pelo mundo e vivos dentro da Espanha que Franco encharca em sangue, são uma lição para todos os homens de caráter do mundo. As mulheres espanholas ensinam às mulheres de todas as nações ameaçadas pelo fascismo a fidelidade democrática, a coragem de atitudes, a bravura tão comum nas mulheres.

Lutando pela reconquista de Espanha as mulheres daquele bravo país não esquecem as dores e sofrimentos das outras mulheres. Assim lemos no referido boletim (*Mujeres anti-fascistas espanholas*):

"As mulheres espanho-

lhas querem fazer chegar às heroínas da Grécia, o protesto de sua simpatia e de sua solidariedade.

Compreendemos e sentimos a grande tragédia das mulheres gregas; admiramos seu heroísmo e temos fé no triunfo de sua sagrada causa como temos fé na sagrada causa de Espanha: a causa da liberdade e da independência dos povos."

As mulheres espanholas ensinam a viver.

★

"Mães da América! Queremos que conheçais a verdade sobre o nosso drama. Vossos dólares não nos chegam convertidos em arados, trigo ou leite, mas sim em tanques, aviões, obuses, que matam os filhos da Grécia.

Nossas granjas e nossos campos estão em ruínas. Nossas mães estão de luto pelo filhos e os democratas temem a noite porque, com ela, chegam os que entram em suas casas e prendem seus entes mais queridos.

Estamos convertidos em uma nova Espanha e quem sabe se o fogo aceso aqui não abrasará os filhos de outras nações, de outras mães, as cidades e os povos de outros países?"

São trechos do apelo que as mulheres gregas fizeram às mulheres de Norte América e às mulheres do mundo inteiro. São os gritos que enchem hoje o mundo exigindo liberdade, democracia.

★

Mas há países que se reconstróem em democracias novas e pujantes. São os grandes trechos luminosos nesse após guerra tão doloroso e de tanta luta. Contrastando com o Boletim das mulheres espanholas, o "boletim das mulheres antifascistas da Iugoslávia" é de vitória, de construção, de criação. Ali elas reconstróem a estrada de ferro Samac-Sarajevo, tomam parte ativa na realização dos planos econômicos locais. Lê-se: "por iniciativa da Frente antifascista, as mulheres de Skoplje, comprometeram-se em construir um reservatório que, durante o verão assegurará à sua cidade o fornecimento de água da qual ela é privada muitas vezes. Na Iugoslávia as mulheres tomam parte ativa em todas as realizações não só econômicas mas também culturais, não só políticas, mas também sociais.

• CAFES DO RIO •

Da Lapa a Copacabana, via Catete — "Home, sweet home?" Não, mesinha de café — Sambistas, "book-makers", intelectuais — Onde ainda se discute um alexandrino — Média, ventilador e inspiração — O "café em pé" não tem nenhuma personalidade • Reportagem de ELSIE LESSA



Foi de tostão, subia a duzentos réis, andaram brigando para que ficasse em trezentos, e acabou mesmo se estabilizando nêles o nosso brasileiríssimo "cafézinho" — instituição nacional.

E' atoa o paulista falar de boca cheia no seu "cafézinho", contar prosa que toma 10 ou 15 por dia, que no Rio não se sabe fazer café, que isto que aquilo. De coador ou expresso, mais forte ou mais fraco, em "banho-maria" ou "passado na hora" o fato é que o "cafézinho" é muito mais carioca do que da terra do café mesmo. Em S. Paulo toma-se café pelo café. Porque é gostoso, porque é paulista, porque faz bem, porque ajuda a trabalhar, azeita a máquina de ganhar dinheiro. Aqui no Rio, não. Também se gosta do café. Mas com o resto. Mesinha, copo d'água, garçon encebado e filosófico e um amigo casual para o "bate-papo". A mesinha de café substituiu a casa ou o clube granfino. Ali se marcam encontros, se vêm caras a horas certas, se fazem negócios, se compõem sambas, se escrevem cartas, se fala mal das mulheres, se vê passar as "boas".

E cada grupo tem seu ponto predileto. Não vê que o "intelectual" do Vermelhinho vai parar, por descuido, no Nice ou no Sympathia (assim à velha moda, com y e th). Seria uma espécie de infidelidade. E éle sua mais uns quarteirões e vai tomar o seu chopinho sem compromissos na roda dos amigos de todo dia. Discute política, ouve os últimos "potins", comenta os suplementos dominicais, deixa recados, muda de emprêgo, planeja viagens. Tudo por uma ninharia. Sem

falar que a moça da caixa recebe e entrega traduções, guarda livros esquecidos e às vezes lê poemas em primeira mão.

No "Amarelinho" já a turma é outra, de intelectuais que se levam muito mais a sério, que ainda escrevem a lapis artigos febris sobre a mesinha incômoda, procurando sinônimos difíceis para as palavras surradas, sem se importar com os trancos do garçon. Ouvi um dia até uma discussão sobre alexandrinos de um poeta que colaborava no "Fon-Fon".

A turma do lado de fora não conta. São simples turistas do café, gente que engole refresco, vê as "boas" que foram tomar chá na Brasileira, clientes esporádicos, sem muita personalidade.

Já no Nice a frequência é outra. Malandros, artistas de rádio, cantores, gente que sonha com o microfone, com a consagração do "Cantor Romântico" ou dos "Sucessos do Carnaval". Amôres contrariados, beijos da véspera, tragédias domésticas saem dali, em ritmo brejeiro, com rima e tudo, em geito de samba e às vezes até com muita "bossa".

A caixa de fósforo e a palheta de malandro vão marcando o ritmo:

"Deixei de residir naquela [edifício, Naquele palacete cheio de [artifício onde interior e exterior- [mente é tudo construído capricho- [samente..."

Pernosticismo mulato e comovente do "cabra" do morro que sonha com o granfinismo desocupado de Copacabana e vai chegar até lá gritado pelo rádio, se um dia conquistar, afinal, o microfone dos seus sonhos.

Outro mulatinho de dentes máus e olhos românticos só pensa em amor. Amor e "orgia" o que no samba e na vida são quase a mesma coisa. E canta de olhos fechados, a carapinha lustrosa pendendo sobre a mesa molhada:

"Que importa que digam [que eu me rebaixo Que digam que sou cobar- [de na dôr, Quem ama sabe que vira

[capacho, Mas sabe que vale tudo [no amor."

"Vale tudo", mesmo. Falta de dinheiro, calorão, tanto sonho bobo que a vida vai passando a limpo, sem nenhuma consideração. Canta o samba dos outros, que para os seus mesmo ninguém liga. Não conhece nenhum diretor artístico e foi "gongado"

até em programa de calouro. Mas um dia o seu número dá. E éle larga a "média" e só vai comer no "Bife de Ouro" com uma girl do cabelo platinado. Mas, enquanto isso,

"Garçon, mais um copo [d'água..."

A paisagem humana é quase a mesma, com uma ou outra variação, do Nice ao Simpatia, da Lapa à Praça Mauá, de Saenz Peña à Avenida Copacabana, por estes 1.800 cafés dotados de aparelhos telefônicos que possui a formosa São Sebastião do Rio de Janeiro. Os nomes variam (Brasil há 10, Estado Novo, 2, Bom Jesus, das Morenas, Mistinguete, Nossa Amizade, Rei dos Mares, Sto. Antônio (15) perdendo para S. Jorge (28), Tira Teima, Triunfo dos Navegantes e Vigoroso. Mais para a cidade, junto à avenida Rio Branco ou nos bairros prósperos os garçons substituem o tamanho luso, no pé descalço, pelo sapato e meia convencional que a clientela burguesa exige.

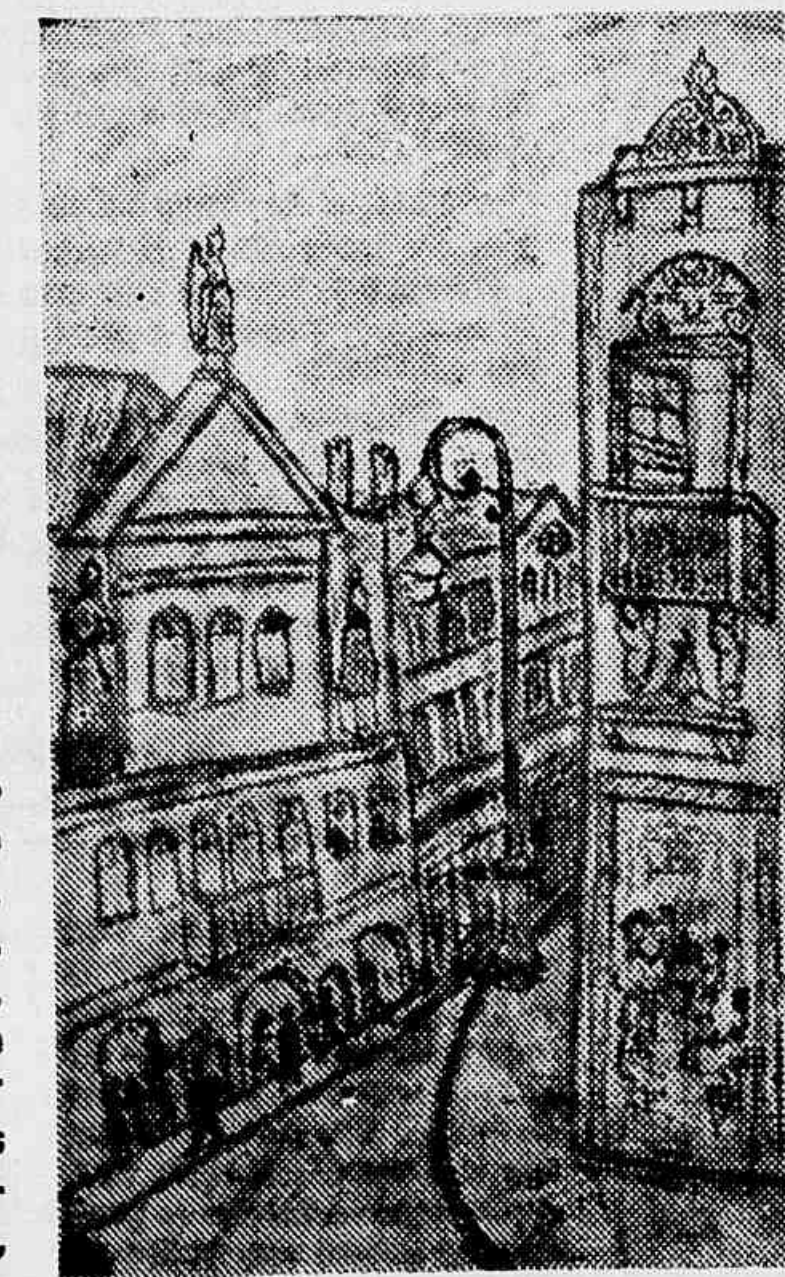
Mas em todos êles, no das apostas dos "book-makers" do Jôquei, no dos comerciantes de jóias que se reúnem às primeiras horas da tarde nas mesinhas do Simpatia, no Rio Branco, dos jogadores de futebol, onde a torcida é violenta e se ganham e perdem jogos e amizades, misturados com médias e pães quentes e palavras pouco parlamentares, se espreme a mesma massa humana, acalorada e sonhadora, contrariada e submissa, lutando com a fome e com o amor, com a falta de dinheiro, com a pressa dos cabelos brancos, com a desorganização, do mundo, com a bestice da vida.

Falam de guerra, pedem dinheiro emprestado, vendem topázios, arranjam "bicos" como "speakers". Aquê compõe um samba, outro espia as pernas da dona que sentou em frente, tomando refresco de côco.

Enquanto isso, sai uma média com pão quente, um sanduiche de presunto "para viajar", dois simples, uma torrada de Petrópolis. Mais importante que tudo, o tempo passa, o cigarro se acaba, largando cinza na mesinha úmida de mármore que o garçon enxuga com o guardanapo sujo. Nas paredes de mau gosto há sempre uma figa. Se o pintor foi luso, não falta com certeza o Deus Netuno, truculento e de corôa, o tridente na mão. E sereias peitudas, de cabeleiras soltas e quadris fartos...

Ou então uma paisagemzinha nórdica, um chalé pontudo sugerindo neves impossíveis, pássaros heráldicos de pernas longas, um cão fiel à porta de casa, fumaças domésticas nas chaminés antiquadas. Lar, doce lar...

Esse é o "café-refúgio" de uma população que mora mal, que come mal, que vive mal. Por trinta centavos o carioca tem, junto com o cafézinho, a sensação tão necessária de "club", o desgaste indispensável do contacto humano.



Gente que os mesmos interesses reúne — samba, aposta, futebol, mulher. O café é puro pretexto, apesar de obrigatório como um vício.

Daí o desprezo da clientela do "cafézinho" pelos filisteus que tomam a bebida em pé, sem nenhum conforto, assoprando a xícara, sem respeito pela bebida. São simples "viciados" sem requinte, homens de negócio apressados ou mulheres que têm ameaça de vertigem e falta de ar. Exemplares horríveis da humanidade.

E assim é a vida de todos os dias no Rio. Os melhores negócios geralmente são feitos nas mesas de café, como também as idéias de um samba, uma "barbada" ou uma boa crônica.

Do resto nem vale a pena falar. Marinheiros americanos, que engolem litros de coca-cola e se assustam com a negrura do nosso "cafézinho", com medo de ficar sem dormir, sugestionados pela propaganda das revistas. Granfinos de Copacabana, com maillots cheios de coqueiros, de óculos pretos e sandália de couro, falando de pescarias, de cavalos, de mulheres dos outros. Gente que toma "martinis", "old-fashion", "whisky-sour" e não confere o trôco, pensando que é feio. Amostras tristíssimas da humanidade que o freguês do "cafézinho" despreza, com uma grande superioridade:

— "Garçon, chegue mais um simples..."

É outro amigo que chega. Perspectivas de novos negócios, de um golpe, etc.. A noite muitos vão para casa dizendo: "Uff", que dia agitado! E no dia seguinte repete-se a mesma história...

NOSSAS CONFERENCIAS

Curiosidades

O MAIS VELHO JORNAL DO MUNDO PERTENCE À CHINA

Quando os mais antigos jornais europeus datam de menos de três séculos, a China pode orgulhar-se de possuir o mais antigo periódico do mundo.

Esse jornal é o "Tsen-Tze-Kwan Pao", que em 1909 celebrou o seu milésimo aniversário! Tem hoje, portanto, 1.038 anos de existência!

Durante mais de mil anos esse jornal vem sendo publicado, sem interrupção. As dinastias sucederam-se às dinastias, no antigo Império chinês, hoje República. O "Tsen-Tze-Kwan-Pao", mais forte do que elas, não deixou de ser editado uma só vez. E quando, em 1912, foi proclamada a República chinesa, limitou-se a trocar o seu nome pelo de "Tsen Foo-Koun-Pao", que quer dizer: Periódico Oficial do Governo.

O decano da imprensa foi fundado para registrar os decretos imperiais. Foi, assim, o primeiro "Diário Oficial".

Os seus redatores, alguns dos quais se contavam entre os mais famosos literatos do Império, gozavam de grandes prerrogativas e mereciam honroso tratamento. Eram, entretanto, responsáveis por tudo quanto se imprimia no jornal. Um deles, por exemplo, foi decapitado por haver omitido em determinado artigo um dos milhares de títulos que então ostentava o "Filho do Céu". Outros redatores foram estrangulados, cortados em pedacinhos, empalados, simplesmente por terem escrito no jornal notícias não confirmadas.

Uma coleção completa do antigo jornal figura nos arquivos imperiais em Pequim, sendo ali conservada cuidadosamente, sem que falte um número.



NOSSAS CONFERENCIAS — Hortensia Terragas em palestra com a nossa redatora, a escritora Ana Montenegro. A representante da mulher boliviana pronunciará uma conferência no Salão do Instituto dos Arquitetos, no dia 14 do corrente às 17 horas, patrocinada por MOMENTO FEMININO. Os convites podem ser encontrados em nossa redação.

TRATAMENTO DO CASAL ESTÉRIL
MOLESTIAS DE SENHORAS — OPERAÇÕES

DR. CAMPOS DA PAZ FILHO

Ginecologista

Caixa P. Light — Laureado pela Academia de Medicina
Edifício CARIOCA — Sala 218 — Tels.: 42-7550 38-5656



MESAS REDONDAS

Recebemos diversas cartas de leitoras que desejam informações sobre o que é mesa redonda e como se organiza.

Em primeiro lugar, definir o que é "Mesa Redonda". A explicação mais concreta é simples: uma discussão sobre determinado assunto. Chama-se mesa redonda, porque significa que todos os participantes tem o mesmo direito de dar a sua opinião e a sua contribuição... Não há ninguém na cabeceira da mesa dirigindo tudo...

Essas "Mesas redondas" devem ter um objetivo. Vejamos o nosso caso. Queremos organizar uma mesa redonda num bairro. Em primeiro lugar, deve ser organizada uma comissão responsável pelos trabalhos. O tema é organizado. Vejamos um exemplo: No tema da mesa redonda do Bairro... a comissão organizadora prepara o seguinte:

- 1) — A situação da mulher no mundo atual.
- 2) — Os problemas do nosso bairro

- a) condução
 - b) habitação
 - c) feira
 - d) comércio
- 3) — Carentia
 - 4) — Educação
- a) escolas primárias
 - b) educação de adultos
 - c) jardins de infância
- 5) — Saúde
- a) Maternidades
 - b) Hospitais
 - c) Postos de puericultura
 - d) Creches

Este é o exemplo de um tema, mas poderá ser modificado e alterado de acordo com

as condições de cada bairro. Depois de pronto o tema, são expedidos convites a todas as mulheres do bairro para que participem da mesa redonda, marcando o local e hora da primeira reunião. Escolhe-se as pessoas que deverão dirigir os trabalhos e uma relatora para cada assunto. Assim, Maria, por exemplo, ficará com a parte da "situação da mulher no mundo atual", outra terá a parte da condução, etc... etc... Nas outras reuniões, as relatoras lêem os seus trabalhos e todas as participantes debatem o ponto. A secretária toma nota das discussões e as conclusões sobre cada tema. O relatório da responsável poderá ser melhorado, modificado ou rejeitado completamente. Dependendo das discussões das participantes. Depois de todas as teses do tema discutidas e aprovadas, tiram-se as conclusões que são apresentadas ao plenário e aprovadas.

Em resumo este é o método de se organizar as mesas redondas, que tanto podem ser de bairro, de moças que trabalham na mesma fábrica, oficina, etc... Os debates devem contar com a colaboração de todas e servirão para esclarecimento de todos os assuntos que nos interessam de perto.

DR. HENRIQUE BASÍLIO
RAIOS X

Avenida Nilo Peçanha, 155,
9.º andar - Sala 902
— Telefone: 42-4545 —

«MARIA DA PENHA»

ARI-TIO-KO'

(Isto Aconteceu Realmente)

Naquele dia, em que te vi, segurando o braço de tua mãe, para que ela na caíse, eu tive tanta pena de ti, que as lágrimas vieram-me aos olhos. Calou tão profundamente em meu espírito, que apesar de não saber escrever, rabisco hoje, estas linhas dedicadas a ti, menina pobre do morro. Tens 8 anos apenas e já vistes mais que muita gente grande. E tudo isso por que? Porque as crianças que nasceram no chão de um casebre, ficaram muito tempo sem ter quem pudesse se interessar por elas. Tem agora. Mas que luta tremenda entre os grandes do poder — cheios de orgulho e egoísmo, para os quais os habitantes das favelas não passam de vagabundos — e aqueles cujo único interesse é dar escolas, hospitais, creches, parque de diversões aos menos favorecidos pela sorte. Estes estão com a ra-

zão e por isto, vencerão. Nesse dia não mais acontecerá o que sucedeu com teu irmão, Maria da Penha

Ele passou como tu, a noite acordado, com fome e com frio. Pela manhã, o estômago vazio, lembrou-se que em baixo à porta dos ricos havia pão e leite. Instintivamente, desceu. Não foi difícil encontrar o que a natureza pedia. Meteu a mão pelo gradil e záz! ficou preso a um fio eletrificado!

— Moleque do morro bebeu o leite dos meus filhos! Desaforo! Vieram uns homens com cara de carrasco. Levaram a criança aos empurrões.

Na delegacia deram-me uma surra e mandaram embora.

E se o jogassem no S.A.M.? Naquele outro onde as crianças, ao invés de encontrarem reeducadores, deparam com monstros pela frente? Entre a favela e o S.A.M....

Bem, mas Altamiro está me afastando de ti, Maria da Penha. Ainda quero falar-te sobre a tua pneumonia.

O médico do ambulatório examinou e receitou, não foi? mas só dois dias depois ficaram prontos os remédios! Por que será que não morreste, infeliz criança do morro? Não foram as vitaminas a super-alimentação, as injeções que te salvaram — porque isto, os pobres não podem ter. Mas está mesmo salva?

Teu pulmãozinho estará perfeito?

Terás por muito tempo forças para amparar tua mãe que tem o triste vício da embriaguez?

Eu te vi tão humilhada...

Maria da Penha, os "granfinhos" olham com desprezo para os pobres que bebem nos "botecos" do morro. Mas, fica sabendo, eles também bebem. Também caem sob a ação do álcool. Com uma única diferença... O parati tem o nome de "Wisque" e o botequim é chamado — Casino.

Maria da Penha, hoje tu tens 8 anos acredito, tenho esperança que quando fores moça tudo será diferente.

Haverá compreensão mútua entre os homens, e viverás uma outra vida

As crianças serão tratadas todas igualmente. Todas elas terão alimento, cama e educação. Mas é preciso começar agora.

Vamos unir os nossos esforços e organizar os nossos trabalhos. Creio nas mulheres de hoje que pensam nas mulheres de amanhã.

HÉLIO WALCACER

Advogado

R. 1.º de Março, 6 —
4.º And. — Sala 4
Telefone: 433505

Agradecimento

Na impossibilidade de responder as inúmeras manifestações de solidariedade e cumprimentos pelo seu aniversário natalício, Arceлина Mochel agradece das colunas de nosso jornal retribuindo às amigas os votos de felicidades que lhe proporcionaram um dia auspicioso.

COISAS DA GRAMÁTICA

Há cerca de duas semanas prometemos a uma de nossas leitoras que lhe daríamos breves noções do emprego da crase. Hoje, aqui estamos, pedindo desculpas pelo atraso, prontos a cumprir nossa promessa.

Diz Ruy Barbosa: Crase é uma figura de gramática, pela qual se contraem duas vogais numa só. Com essa definição concorda a maioria dos gramáticos. Ensina-nos Bluteau: "assinalado com acento agudo, o á equivale a dois as para evitar o hiato. Ora, essa última definição está sujeita a revisão, porque, segundo o acordo ortográfico, quando se verifica a crase, o a deve ser assinalado com acento grave. E' assim que se usa atualmente: á.

Continua Ruy Barbosa, dizendo que só se admite a crase com no no á se fundirem a preposição a e o artigo feminino a. Não haverá contração, não haverá crase, e não havendo crase, não caberá o acento.

Assim, fica bem claro: só se emprega a crase quando houver a fusão de dois a; essa fusão se faz da preposição a com o artigo definido a. Logo, Ruy Barbosa dá as três regras seguintes para o correto emprego da crase.

1.º — Não se usa a crase senão antes da palavra feminina, clara ou subentendida;

2.º — A palavra, ainda feminina, exclui o acento se não

admitir o adjetivo articular a (isto é, o artigo);

3.º — Embora sucetível de anteposição, não se acentua o a antes de vocábulo feminino, quando este se tomar em sentido genérico, indeterminado.

A regra mais prática, é, entretanto, a seguinte:

— Acentua-se o a quando, substituindo-se o substantivo feminino por um masculino, há necessidade do emprego do artigo o; em caso contrário, não se acentua o a. Exemplo: "Dei o caderno à aluna — Se passarmos o substantivo para o masculino, teremos: Dei o caderno ao aluno. Outro exemplo: — "Dedicou o livro à memória de irmão" — Poderíamos dizer: ao pensamento do irmão; assim, este é um caso de emprego da crase.

No entanto, diremos: "reagiu a mão armada". Não há necessidade da crase, porque não diríamos: "reagir ao braço armado", mas sim: "a braço armado".

Há, no entanto, um caso em que se emprega a crase diante de nome masculino; é antes do determinativo aquele. Exemplo: "Dei um livro àquele homem".

— o que equivale dizer: — "deu um livro a aquele homem". Faz-se a fusão das duas vogais e emprega-se, portanto, a crase.

Na próxima semana traremos novos esclarecimentos ao assunto.

Federação Internacional De Mulheres Universitarias



Fotografia tomada durante o banquete de encerramento do Congresso da F. I. M. U. aparecendo da esquerda para a direita Sra. Karen Buch, de Charlottelund, Dinamarca; sta. Renée Jeanne Dubois, de Genebra, Suíça; sta. Elsebeth Fehren Kieler da Dinamarca; dra. eVronica Rapp Es-ton, do Brasil

A FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE MULHERES UNIVERSITARIAS REALIZOU, em Toronto, sua nona Conferência trienal. A ela compareceram 500 delegadas representando 21 países.

O movimento feminino, em defesa dos direitos da mulher cresce em todos os países, e são várias as organizações já de caráter internacional como a F. I. M. U. A primeira grande guerra levou a mulher ao começo de sua compreensão do valor, da bravura e do heroísmo que mantêm em todos os atos da vida. Arrastada às fabricas, oficinas e universidades, consciente da necessidade econômica do trabalho, a mulher oprimida e sempre revoltada organizou-se desta ou daquela forma neste ou naquele princípio religioso ou filosófico mas tendo sempre, como finalidade a alcançar, a defesa de seus direitos, como ser útil à sociedade.

A segunda grande guerra fortaleceu a compreensão feminina pelos problemas do mundo. Surgiram, ao lado do nazi-fascismo e depois de sua derrota as grandes organizações mundiais pela Democracia e pela Liberdade; sabem agora as mulheres que o fascismo, use o nome que usar e seja qual for seu aspecto, é o seu inimigo maior, sabem as mulheres o quanto amam a paz, E por isso todas as conferencias femininas defendem os princípios democráticos dos povos e a Paz mundial.



A dra. Tranchant de Bruxelas, que dirigiu a delegação belga em companhia da sta. Maria de Lourdes Canejo do Rio de Janeiro, e um dos membros da delegação brasileira

COISAS QUE ACONTECERAM

(DOS JORNAIS)

MAESTRO DE 10 ANOS DIRIGE A "SINFONIA HEROICA" DE BEETHOVEN

NOVA VITÓRIA DE PIERINO GAMBA

ESTRASBURGO, 5 (AFP) — Pierino Gamba, célebre maestro italiano de dez anos de idade, alcançou um êxito triunfal dirigindo pela primeira vez na sua curta existência a Sinfonia Heroica de Beethoven.

O auditório ficou completamente surpreso em face do estilo e justeza de movimentos que essa criança conseguiu impor aos executantes.

Pierino despertou também o entusiasmo dos músicos profissionais.

EXPOSIÇÃO

ZELINDA SCIGLIANO ALVES

Com a presença dos elementos mais representativos dos nossos círculos artísticos inaugurou-se ontem, no Museu Nacional de Belas Artes a esperada exposição da pintora paulista Zelinda Scigliano Alves. O conjunto, composto de trinta e três telas, impressionou vivamente os presentes que não regatearam os mais entusiastas aplausos à talentosa artista. Zelinda Scigliano Alves é um

dos valores jovens da pintura paulista. Sua atuação artística no evoluído ambiente bandeirante tem sido notável. Foi alma da Escola de Belas Artes de São Paulo, em cujo curso destacou-se sobremaneira, obtendo aí as mais altas distinções. No "Salão Paulista" os juris mais exigentes lhe tem outorgado os prêmios mais significativos. E' a primeira vez que Zelinda Scigliano Alves expõe no Rio de Janeiro e pelo valor de sua obra saberá conquistar a admiração dos círculos artísticos e intelectuais cariocas.

ISSO É O FIM . . .

Uma família da aristocracia do Avelino foi condenada por crime de roubo a pena variando entre dois e seis anos de prisão.

Trata-se do barão Nicola Festa, sua esposa, seu filho e sua nora, que em 1943, com a ajuda de duas criadas, pilharam quatro casas e apartamentos vizinhos, esvasando-os em todos os seus valores, aproveitando-se da confusão decorrente das hostilidades militares.

MAIS SEIS EXECUÇÕES NA GRÉCIA

Seis anti-fascistas (entre os quais uma mulher) condenados à morte pelo tribunal militar de Triccala, na Thessalia, fo-

ram executados no dia primeiro do corrente, conforme anuncia o Ministro da Ordem Pública.

Foi anunciado, por outro lado, que a polícia de Atenas ficará em estado de alerta a partir de hoje em consequência da greve geral marcada para a próxima quinta-feira.

SE HOUVESSE ALIMENTAÇÃO E BEM ESTAR PARA TODOS PODIA-SE VIVER ATÉ 100 ANOS

OMAHA, Nabrasca, — (U.P.) — O dr. Edward L. Bortz, presidente da Associação Médica Norte-Americana, afirmou que os seres humanos poderiam viver 150 anos se fossem tão fortes como os cavalos e que poderiam viver até 100 anos, pelo menos, se se utilizassem inteligentemente dos conhecimentos adquiridos sobre o organismo humano.

Bortz disse ante as sociedades clínicas de Omaha e do oeste central dos Estados Unidos que no século XVIII um fisiólogo declarou que o homem deveria viver pelo menos 200 anos. Esse fisiólogo morreu com a idade de 40 anos e hoje a idade média de morte dos seres humanos é de 68 anos.

Acrescentou Bortz que os cientistas, hoje, procuram conseguir que a vida humana se prolongue até 100 anos, baseando sua esperança no "ritmo natural evidente do período vital de todo o ser vivente".

CONTRA A FABRICAÇÃO DA BOMBA ATÔMICA

Os mais notáveis escritores italianos que se reuniram em Florença acabam de dirigir um apelo ao mundo inteiro contra a fabricação da bomba atômica. No mesmo apelo os intelectuais italianos sugerem a cria-

ção de uma "Frente Única da Civilização". (AFP)

NOITE NO TIBET

Eis o nome que um cabeleireiro pôs a este penteado de "alto estilo" e deveras complicado, que figurou na primeira festa internacional dos profissionais desta arte, recentemente realizada em Londres. O cabelo, todo puxado para o alto da cabeça, é seguro por meio de uma coroa de "sequins". Para este e outros penteados, que se destinam a ser exibidos à noite, pinta-se o cabelo de cor de rosa. Esse colorido tira-se facilmente com uma simples lavagem.

ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA

WILSON LOPES DOS SANTOS

ADVOGADO

DIREITOS DE FAMILIAS — SUCESSÕES

De 10 às 12 e de 16 às 18 hs.
R. Senador Dantas, 35-2.º and.
Tel : 42-1528

DR. FRANCISCO DE SÁ PIRES

DOCENTE DA UNIVERSIDADE

Doenças nervosas e mentais — Rua do México, 41
Sala 806 — Diariamente — Fone 22-5954

CLÍNICA DE SENHORAS E CRIANÇAS

Pediatra — Dra. IRENE CID SCHENBERG

2as., 4as. e 6as.-feiras — Das 15 às 18 horas

Ginecologista — DR. VASCONCELOS CID

3as. — 5as. e Sábados — Das 16 às 18 horas

EDIFÍCIO DARKE — Sala 1.825 — 32-7709

AV. 13 DE MAIO — N.º 23 — 18.º andar

TEATRO DE FANTOCHES

OS TUCANOS

Ivonne JEAN

Os dois tucanos cinzentos.

A deusa má.
As cobras.

No cantinho mais escuro e afastado da floresta virgem. Árvores e mais árvores, muito cerradas, não deixam passar um raio de sol. Maior escuridão possível.

Silêncio absoluto. Atmosfera úmida e triste.

Dois pássaros, com bico e corpo de tucanos, mas com a mesma cor cinzenta e uniforme que a floresta inteira, estão empoleirados num galho. Estão tremendo de frio. Silêncio prolongado.

Tucano: Estou tremendo de frio...

(Agarra-se ao tucano e ambos tremem violentamente.)

Tucano: Será que existe outra coisa neste mundo que esta floresta tão triste, tão úmida, tão escura?

Tucano: Claro que não!

Tucano: Que pena!

(4 ou 5 cobras pretas, viscosas, antipáticas, chegam silenciosamente e escondem-se em diversos lugares. Uma delas enrola-se no tronco da árvore dos tucanos.)

Tucano: Como está má, nossa deusa!

Tucano: Chut! Chut! As cobras podem ouvir-nos!

Tucano: (Baixinho) É terrível nunca estarmos sozinhos!

Tucano: Elas estão sempre escondidas por toda parte. Nunca se sabe quando estão perto.

Tucano: Depois contam nossa conversa à deusa.

Tucano: Que frio!

(Estão tremendo com tal violência que caem da árvore. As cobras escondem-se melhor ainda. Os pássaros levantam e voam até sua árvore.)

Tucano: Vamos dormir mais um pouco?

Tucano: Boa noite, irmãozinho.

(Apertam-se um contra o outro. Silêncio. As cobras passeiam. Após um tempinho, a cobra que estava enrolada na árvore sobe e puxa os pássaros pelas penas. Eles dão um pulinho.)

Tucano: O que é?

Tucano: Estava sonhando que uma grande luz nos acordava e que pássaros vermelhos conversavam conosco.

(Os tucanos bocejam. As cobras voltam com outras cobras e a deusa má. Ela é bonita, mas tem ar cruel. Seus cabelos verdes

PERSONAGENS: 2 tucanos cinzentos
2 tucanos coloridos
A deusa má, da floresta
Uma saira de sete cores
Uma garça
Uma girafa
Uma girafinha
Um elefante
Um mocho
Muitas cobras pretas.



1.º ato: Na floresta escura da deusa má.
2.º ato: Na beira da floresta escura com a floresta clara.
3.º ato: Na floresta alegre dos bichos.
4.º ato: O lago, da floresta alegre.

são muito compridos, suas mãos delgadas muito brancas. Seus olhos chamejam. Tem um vestido de fôlhas. Brinca com o cipó que tem na mão. Grita antes de aparecer no palco.)

Deusa: Que é isto? A noite de trabalho começou há muito e tudo está dormindo? Então meus escravos pensam que a noite é feita para dormir? Na floresta da noite deve se trabalhar sempre, sempre, sempre.

(Os pássaros levantam e voam de cá para lá, muito assustados.)

Deusa: Estou com fome. Tragam a comida, escravos. E já.

(Ela dá uma chicotada no ar e os pássaros voam depressa.)

(A tucano murmura: "Como é má!")
(Somem.)

Deusa: (Senta e acaricia uma cobra) Detesto estes dois pássaros! Só gosto de Vocês, minhas cobras. Silenciosas e pretas como a noite. Como MINHA noite.

(Levanta, nervosa, e anda de cá para lá.)

Deusa: Sou a deusa da floresta da noite. Sou a deusa má da floresta triste. Há! Há! Há!... Mas precisamos de servidores, não é, minhas queridas cobras? Lembram-se da noite em que raptaram os dois na floresta alegre? Quanto choro! Mas estavam já escondidos os filhotes aqui!... Há! Há Há!

(Os pássaros voltam, carregando comida nos bicos abertos, que parecem bandejas. A deusa se serve e come.)

Deusa: Boas bananas... Mas Vocês esqueceram o pão. Nunca se lembram de nada. Vão buscar uma fruta pão. Depressa.

(Derruba com a mão, em um gesto brutal, a comida que ainda estava nos bicos e faz o gesto de le-

vantar o chicote. Os pássaros saem.)

Deusa: Lembram-se dos pais destes dois pássaros, minhas cobras? Eram vistosos! Mas estes dois apanharam as cores da MINHA floresta minha floresta sem cor. Há! Há! Há! Aqui nada tem cor e nada tem nome. Tudo é sombra, tudo é noite.

(Os pássaros voltam com a comida que ela pega.)

Deusa: Está bem!... Agora, quero fruta do mato com molho de raízes. E não se atrevam a comer coisa alguma!

Somente depois de eu acabar.

(Sai com as cobras. Uma ou duas delas ficam escondidas.)

Tucano: Como está má... Que raiva!

Tucano: Chut!... As cobras.

(Começam a colher fôlhas, depressa.)

Voz da deusa: Esperarei a sobremesa na minha árvore oca, na sala de jantar do meu palácio.

(Cobras surgem. Os pássaros colhem febrilmente fôlhas.)

A FRONTEIRA

Ato 2

Os 2 tucanos cinzentos.

Uma garça.

Uma saira de sete cores.

Uma borboleta.

Cobras.

Na beira da floresta tris-

te e da floresta alegre. Árvores menos cerradas. Entra um pouco de luz. Lado direito: muito escuro. Lado esquerdo: mais claro e com algumas flores vermelhas. Os tucanos chegam do lado direito, voando devagar. Estão cansados. Páram no centro do palco e olham em redor.

Tucano: Que aventura.

Tucano: Nunca nos afastamos tanto do palácio da deusa. Tudo é muito diferente aqui.

Tucano: E bem mais bonito. Estás vendo que existem recantos mais agradáveis no mundo?

Uma garça branca, branca, linda e graciosa chega do lado esquerdo, com uma saira de sete cores, toda colorida. Brincam, voam, pousam, dão pulinhos correm uma atrás da outra, rindo muito, sem reparar nos dois tucanos tristes que olham para eles, espantados e se escondem depressa na escuridão do lado direito.)
.. (Baixinho)

Tucano: Olhe! Que beleza!

Tucano: Como são bonitos!

Tucano: Como é branco...

Tucano: Como é colorido...

Tucano: Parece um sonho.

Tucano: Será que vão sumir de repente?

(Algumas cobras pretas aparecem à direita. Escondem-se e aproximam-se muito devagar dos pássaros.)

A garça: Vamos embora, saira de sete cores?

A saira: Porque, amiga garça?

Garça: Estamos muito perto da floresta da deusa. Tenho medo. Você sabe que nunca bicho nenhum entrou na floresta da noite. Só de pensar nela sinto arrepios.

Saira: Vamos para casa, sim.

(Sáem brincando, à esquerda. Duas cobras saem depressa à direita. As outras continuam avançando.)

Tucano: Estou com vontade de segui-las.

Tucano: E a deusa? Tenho tanto medo.

As cobras quase os alcançaram.

Tucano: Precisamos resolver... ainda posso vê-los.

Tucano: Estou assustado.

(Uma borboleta aparece à esquerda. Parece chamá-los. Eles não viram as cobras que vão agarrá-los no momento exato em que eles voam para a esquerda, aproximando-se da borboleta.)

Tucano: Pior não pode ser nossa vida, não é?

Borboleta, com voz fininha: Não gostariam de visitar a floresta dos bichos, senhores viajantes?

Os tucanos olham um para o outro, hesitando. Voam muito devagar em direção à borboleta. As cobras que estavam, outra vez, alcançando-os, continuam a segui-los.)

Voz da deusa: Voltem já, seus sem-vergonha! Como vão apanhar hoje! Onde está o meu almoço? Qua é que estão fazendo tão longe?

(Os tucanos reparam de repente nas cobras. Dão um grito e, numa brusca resolução voam atrás da borboleta em direção a floresta alegre.)

Tucano: Vamos fugir da verdade?

Tucano: Vamos. E depressa.

(Somem à direita no momento exato em que as cobras e a deusa surgem à esquerda.)

O pano cãí.

Colégio Franklin Delano Roosevelt

FUNDADO EM 1928

INSPEÇÃO PERMANENTE — EDIFÍCIO APROPRIADO

Externato — Semi-Internato — Primário — Admissão — Ginásial
Colegial — Clássico e Científico

DIURNO E NOTURNO

DIRETOR:

Prof. Milton Rivera Manga

Rua Ibituruna, 43-45

TELEFONE 28-6818



COZINHA

TUTU A PAULISTA

Prepara-se um bom tutu de feijão da seguinte maneira: faz-se um refogado com toucinho derretido, cebola e cheiro bem picadinhos. Acrescenta-se o feijão e se deixa ferver, deixando aos poucos a farinha de mandioca, mexendo-se sempre, até ficar duro. Despeja-se numa travessa em que se põe também couve, batatas, inglesas e doces, e repolho, cozidos; linguiça frita; pedaços de torresmo e ovos fritos. Serve-se com laranjas descascadas.

★

LAGARTO RECHEADO

Toma-se um pedaço de lagarto e põe-se em vinha d'alho durante algumas horas furando-se a carne com uma faca de cozinha, a fim de penetrar bem o tempero.

Faz-se o recheio com um pouco de carne de porco e paio passados na máquina, que se refogam com cebola, cheiro verde picadinho, pimentão e azeitona.

Retira-se um pouco da carne do lagarto, deixando-se uma cavidade onde se põe o recheio e rodela de ovos batidos. Fecha-se o orifício com palitos cruzados.

Põe-se então o lombo numa panela com toucinho derretido, deixa-se refogar bem para cozinhar ao suor, adicionando-se água aos pouquinhos, em fogo brando, até ficar bem macia.

Deixa-se então alourar e juntam-se rodela de cebola, louro, pimentões, tomates até formar um molho espesso e dourado, podendo-se acrescentar batatas douradas em volta do prato.

★

PUDIM DE BANANAS

Descascam-se algumas bananas, cortam-se em fatias, e frigem-se em manteiga. Tomam-se 5 gemas de ovos que se batem com 5 colheres de açúcar até que fiquem esbranquiçadas. Põe-se então um pouco de baunilha em essência.

Batem-se muito bem as claras, juntado-se-lhe uma calda em ponto de fio, aos poucos, continuando a bater sempre.

Arrumam-se as bananas sobre o prato de modo a fazer uma camada.

Sobre as bananas se põem as gemas batidas com açúcar e sobre as gemas as claras batidas com a calda. Leva-se o prato ao forno por 10 minutos.



Torne o seu ambiente agradável pedindo sugestões ao nosso jornal

GELÉIAS LOUISE ALDERSON

As melhores geléias, feitas de frutas frescas



Rico alimento para as crianças — Saboroso nutritivo presente para as pessoas enfermas

A VENDA EM TODAS AS CONFEITARIAS E ARMAZENS DE 1.º ORDEM

Fábrica: — RUA EMILIA SAMPAIO, 92
Telefone: 38-3030 — Rio

ARRANJOS E REFORMAS



Quem não possui um vestido preto ou azul marinho, de linhas sólidas, para certas ocasiões? E' por isso que estamos apresentando alguns modelos para você, leitora amiga.

Os modelos são bem singelos, mas podem fazer várias figuras.

As lindas golas, fazem aos velhos vestidos as mais agradáveis "toilettes" um friso branco, uma gola de fustão, uma lese bordada, uma renda plissada, quanta sugestão fácil.

Aproveitem os nossos modelos e se tiverem dificuldade peçam o molde para a redação.

O BORDADO NO VESTUÁRIO DAS CRIANÇAS

O bordado é o enfeite preferido na roupa das crianças. Damos às nossas



leitoras uma lição dos primeiros pontos.

Assim vejamos em nossa figura como se faz o ponto de haste, o ponto de corrente, o ponto cheio e o ponto chato.



Faça de MOMENTO FEMININO e seu jornal

Então, depois de uma lição prática, vindo na figura a direção da agulha, queremos sugerir às nossas leitoras alguns riscos bem decorativos.

Os motivos populares são também graciosos na roupa das crianças. Os dois riscos que apresentamos pedem cores variadas



e o ponto de haste para a sua execução.

Ficam bem, principalmente nos vestidos das meninas.

Suzanna Martins Brito

CIRURGIA-DENTISTA

Consultório:

RUA PEDRO I - N.º 23

Fone: 22-5380

DRA. ADALZIRA BITTENCOURT

ADVOGADA

RUA 1.ª DE MAIO, 23 — 18.º ANDAR

Salas 1804/6

Fone: 32-6648



MEDICINA E SAUDE

ALGUNS ESCLARECIMENTOS PRÁTICOS
DRA. ELINE MOCHEL DE MATOS

Muitas pessoas pensam que a estomatite tem relação com alguma inflamação do estômago. Não; é bem diferente. Estomatite é a inflamação da boca; gastrite sim, é que é a inflamação do estômago.

A estomatite sobrevém no curso de muitas doenças, mas, como complicação das mesmas, tais como o tifo, sarampo ou alguma afecção intestinal; sobrevém, também, quando substâncias tóxicas são usadas em excesso, as quais ao se eliminarem pelas glândulas salivares provocam a irritação da boca e das gengivas. É o caso do mercúrio, bismuto, arsênico, etc., cujas doses não sendo bem controladas, vão provocar a estomatite.

★ Um grande número de doentes sifilíticos se recusa a fazer o tratamento pelo bismuto ou mercúrio, porque dizem eles, não querem estragar os dentes. Alegam ter conhecido, cujos dentes caíram ou apareceram cáries porque tomaram esses medicamentos. A história não está bem contada. Há um pouco de confusão. Deve ficar bem claro que o bismuto ou mercúrio não atacam os dentes. O que se verifica nesses casos, é que as doses empregadas foram grandes. Naturalmente, ao se eliminar bismuto ou mercúrio provocou a estomatite. As vezes pode acontecer nos casos mais graves cair os dentes, tal o estado das gengivas. Este fato não é tão comum, como parece. Portanto, aqui aconselhamos os portadores de sífilis a não se apegarem tanto a estes remédios. Desde que o tratamento esteja bem orientado não há perigo. Ao menor sintoma diminua-se a dose ou suspenda-se temporariamente.

★ Nevralgia significa dor de um nervo qualquer. Nevrite significa a inflamação de um nervo.

Em ambas, o sintoma principal é a dor. Exemplo da primeira: nevralgia facial. Exemplo da segunda: a ciática.

★ Lavar as mãos é um dos preceitos higiênicos de maior importância. Lavar as mãos prin-

cipalmente antes de qualquer refeição.

Não esqueça de que durante o dia você toca com as mãos uma série de objetos contaminados; sobretudo se você pega em dinheiro, uma das coisas mais sujas que conhecemos. Você não sabe quantas mãos já passaram por esses objetos e quantas eram boas ou doentes, isto é, portadoras de germes das mais variadas espécies. Portanto, como medida preventiva, de mais alto grau de higiene, lave sempre as mãos.

Nosso organismo se defende bem de substâncias tóxicas que resultam da atividade diária de nosso corpo, por 4 vias distintas. 1º) Intestino — Através das fezes. Se os resíduos da alimentação permanecem dias seguidos no intestino, sobrevêm fermentações, ou putrefações em maior ou menor escala, conforme a espécie de alimentos usados.

2ª) Consequência disto certos venenos ali formados passam ao sangue e são levados a órgãos sensíveis que reagem imediatamente. Algumas enxaquecas têm sua causa nestes venenos. Daí a necessidade de manter a regularidade intestinal. 3º) A pele — elimina o excesso de água do organismo sob a forma de suor. Também elimina sais minerais. Algumas substâncias ao se eliminarem pela pele provocam sua irritação: como exemplo temos o ácido úrico, os sais de ouro, o arsênico, etc. 4º) Os rins — são chamados os filtros do organismo. Um grande número de venenos que circulam no sangue são expulsos do nosso organismo através da urina. Qualquer doença que afete a função renal, provocando uma retenção de urina é coisa de caráter grave, pois os venenos que teriam de se eliminar pela mesma, ficariam retidos no sangue, e envenenariam em pouco tempo o organismo inteiro, causando-lhe a morte. Ex.: a uremia, nefrites, etc. 5º) Os pulmões — Eliminam, sobretudo o gás carbônico. Também eliminam um pouco de água.

Grças a esses órgãos excretórios, nosso organismo pode manter-se em forma para as grandes lutas diárias.

Uma Oficina De Costura

Reportagem de LEA

As grandes casas de modas, quase todas, possuem as suas oficinas ou fábricas, nos subúrbios ou bairros distantes. Outras, contratam os serviços com pequenas oficinas montadas para este fim. Resolvemos para começo de conversa, procurar uma pequena oficina. Ali seria mais fácil começar a reportagem. Soubemos que na Rua 7 de Setembro havia uma que trabalhava para uma grande casa de modas. Fomos até lá. Nos recebeu a gerente ou melhor, dona da oficina, um pouco assustada.

— Aqui está tudo em ordem. Todas as nossas operárias estão registradas no Ministério... Estou com os livros em ordem...

Custamos a convencê-la de que não éramos fiscal, nem outra coisa qualquer... Mas a dona relutou bastante até que pudéssemos entrar na oficina. A princípio pouco ou nada se podia distinguir no salão do velho edifício da Rua 7 de Setembro. No segundo andar de prédio velho e carcomido um grande salão cheio de máquinas de costura, mal iluminado, mal ventilado, com separações de biombos velhos e gastos. Pedimos para falar com a contra-mestra e começamos a conversar... a Dona da oficina presente...

— Estou muito satisfeita, disse a contra-mestra... Ganho 1.200,00 por mês... Trabalho de 8 a 9 horas por dia, dirijo as costureiras. Corto os moldes e enca-minho tudo...

Tudo estava muito direitinho, muito correto de mais... Queríamos saber o que realmente pensava a contra-mestra e as costureiras... Mas não foi possível. Visitamos a seção de blusas... Aliás blusas lindas mesmo, bordadas à mão. Algumas bordadeiras curvadas sobre o trabalho bordavam. Perguntei se ganhavam por tarefa. A Dona da oficina respondeu por elas.

— Sim... mas no fim do mês sempre ganham o salário mínimo... Está tudo em ordem... Ninguém fica prejudicado... E vendemos essas blusas muito barato, cada uma sai da oficina para as grandes casas de modas por 25 a 50 cruzeiros... Depois são vendidas na Imperial, Canadá, etc., por 200 ou 300 cruzeiros... Por isso não podemos pagar muito...

O barulho incessante das máquinas de costura e o abafamento da sala, nos poucos minutos que ali estivemos dava para cansar... Resolvemos que de nada adi-

antaria falar com as costureiras. Elas não tiravam os olhos da costura. E as máquinas faziam um barulho infernal...

BENDITA HORA DO ALMOÇO

Mas tivemos muita sorte. Depois de alguns minutos as máquinas pararam e as moças com aventais brancos e compridos levantaram. Tudo ficou quieto e saímos também. Fomos encontrar as costureiras... num quarto ao lado, almoçando... Logo fomos cercadas e começamos a conversar.

— Eu ganho 536 cruzeiros por mês... Sou casada e tenho 2 filhos em casa. Mas não diga o meu nome... Não posso perder o emprego. Mas pode dizer no "Momento Feminino" que o trabalho de costura é uma verdadeira miséria. Viu só como é abafado e escuro lá dentro? Saio quase cega... Só descansamos na hora do almoço. É máquina o dia inteiro...

— Eu tenho a infelicidade de ser menor, disse uma das moças, ganho 300 e poucos cruzeiros por mês e trabalho o dia inteiro. Sou considerada aprendiz. As costureiras mais velhas trabalham com motor na máquina, mas as aprendizes não. Volto para casa à noite, louca de dor de cabeça e mesmo dormindo tenho a impressão de ouvir o barulho das máquinas... Estou aqui há dois meses e ainda não acostumei...

PÃO, MORTADELA E BANANA

As moças almoçavam. Cada uma desenbrulhava o rarnel. A maioria come na própria oficina. Pão, mortadela e banana... Esse era o prato forte. Algumas traziam marmitta com feijão e farinha.

— O dinheiro que a gente ganha não dá para comer em pensão e com uma hora de almoço não dá para chegar em casa, nem de avião. Tenho mesmo que trazer a comida...

— Já ouvi dizer que se comia pão e banana... Mas agora está isso é caro. Um pãozinho de 30 centavos, e uma banana que custa 20 centavos... Isso não alimenta.

— Eu tenho que deixar o almoço pronto em casa... Meus filhos têm que cozinhar. Preparo o lanche do meu marido e o meu, e faço tudo o que é preciso. Acordo de madrugada e chego à Vaz Lobo, onde moro, de noite.

HÁ COSTUREIRAS E COSTUREIRAS...

Perguntamos a algumas moças se sabiam costuras e cortar e porque não o faziam em casa... Talvez fôsse mais fácil.

— Qual o que! Há costureiras e costureiras... As granfinas da zona Sul, pagam 300 a 400 por um vestido... Mas lá no subúrbio, cobramos 10, 15, no máximo 30, por um vestido... E isso não dá para nada. Um vestido, com todos os acabamentos leva de 4 a 5 dias para fazer... E no fim, entra um dinheirinho pingado. Não temos ajudante... e tudo é difícil. O melhor mesmo é um emprego onde a gente ganha certo no fim do mês.

As moças falavam animadas... Todas pálidas, os olhos cansados, já na primeira parte do dia... Pelo que nos disseram todas começaram desejando costurar sossinhas, em casa, por conta própria... Mas os sonhos depressa acabaram...

— Veja a senhora. Antigamente uma família pobre podia ter em casa uma máquina de costura. Mas agora quem é que pode? Máquina de costura é luxo. Custa caríssimo. De 2 até 4 contos. E as prestações são puxadas. Ninguém pode pagar. Eu mesma ganhei de minha mãe uma máquina de costura. Sabe onde está? Na Caixa Econômica. Empenhei a minha máquina porque estava morrendo de fome... Agora já perdi o di-



reito e acho até que já foi vendida em leilão. Como posso ser costureira em casa?

PÉSSIMAS CONDIÇÕES DE TRABALHO

Perguntamos porque não exigiam melhores condições de trabalho, mais luz e mais ar... Trabalhar do jeito que trabalhavam acabaria com as suas vidas muito depressa...

— Não adianta. Já pedimos isso muitas vezes. Mas não adianta. Essa mulher é ruim. Não ponha os nossos nomes, não, que ela despede a gente... E quem fala mal ela manda embora... Também o Ministério não faz nada. Meu marido diz que isso é um abuso. Que devia ter refatório pra gente e outras coisas mas quem se preocupa com as costureiras?

ORGANIZAÇÕES E SINDICATOS

Estava quase na hora das costureiras voltarem ao trabalho... Queríamos ainda saber se pertenciam a alguma organização ou sindicato.

— Não... a gente lá tem tempo de ir a esses lugares? Quando acaba o dia eu quero é ir pra casa. Divisão é pra quem tem dinheiro...

Perguntamos se esperavam continuar sempre nas mesmas condições, sem esperanças de melhorar... Mos-

LEITORAS AMIGAS

O nosso jornal também sofreu com o empastelamento das oficinas de Tribuna Popular, tão estupidamente levado a efeito por provocadores vendidos com a conivência da polícia.

Como outros jornais e revistas ali impressos, tivemos um grande prejuízo de material, como papel, clichês, tipos especiais, etc., também tivemos de imprimir "MOMENTO FEMININO" noutra oficina, pagando muito mais que pagávamos nas oficinas da rua do Lavradio.

Porisso, apelamos para os queridos leitores a fim de nos ajudarem financeiramente, porque não podemos silenciar semanalmente a voz da mulher brasileira, na defesa dos seus magnos problemas.

Necessitamos de pagar as despesas redobradas em virtude das atuais circunstâncias e contamos com a contribuição especial de todos os nossos leitores.

Organizem-se os grupos de amigas, as festas, os chás em benefício de "MOMENTO FEMININO" porque de maneira alguma deixará de circular o jornal das mulheres que só poderá subsistir com a ajuda dos nossos leitores.

tramos as vantagens das organizações e ao sindicato Unidas, dificilmente a patroa poderia mandá-las embora... Que se organizassem. Fizessem alguma organização lá mesmo na oficina. E assim poderiam exigir melhores condições de trabalho.

— Bem... isso é verdade... A gente está tão cansada de trabalho que não pensa em outra coisa. Mas acho que a senhora tem razão... A solução seria a gente se unir e ir todas juntas pedir que a oficina mude de lugar ou que se ponha mais luz e ar aí dentro...

— Mas onde está o Ministério do Trabalho — disse outra moça — porque não vem olhar isso aqui? O que faz aquela gente? Eles só sabem falar e enganar os operários...

As queixas eram muitas... As costureiras realmente são sacrificadas e as soluções são difíceis. É preciso melhorar as suas condições de trabalho. As oficinas de costura são fábricas de tuberculosos. Há falta de refatórios populares, as horas de trabalho ininterruptas são muitas.

As costureiras, embora cansadas devem procurar o seu sindicato, devem se unir e lutar unidas pelos seus interesses, a fim de que acabe esse estado de coisas e a vida miserável e injusta que levam.



ONDINA FERREIRA ROMANCISTA

AUGUSTO DE ALMEIDA FILHO

Tenho toda simpatia pela pessoa que escreve. Sei das dificuldades de nossa profissão em um país onde o hábito da leitura é quase um snobismo e onde o valor autêntico é, via de regra, reconhecido como homenagem póstuma.

De há muito venho acompanhando com todo o carinho o esforço, a luta e as realizações no campo da ficção desta brava paulista que se chama Ondina Ferreira. Ela teve o supremo heroísmo de trocar os envolventes prazeres da vida mundana, que seu estilo de vida lhe outorga, para se dedicar, quase que de maneira monástica, a criação literária.

Ondina Ferreira é antes de tudo um temperamento irrequieto, imbuído de um sadio e ingênuo idealismo. Na construção de um mundo melhor quer contribuir com seu quinhão. Não entramos, nesta crônica, na análise de como estes seus objetivos têm sido cumpridos. Não é esta nossa intenção. Não é esta a meta que pretendemos chegar. Constatamos apenas um fato, focalizamos apenas uma realidade.

Ondina Ferreira surgiu sem padrinhos em uma terra em que quem não é "afilhado" morre afogado. Surgiu aparentemente desarmada em um mundo de ameaças sim, porque se apresentou a tóxicas. Aparentemente, sim, porque se apresentou com as armas de sua vontade e de seu talento. Agora, depois de publicar seu quarto romance, Ondina Ferreira, é um nome que lançado em São Paulo atingiu o público leitor de quase todos os quadrantes do Brasil.

"Vento de Esperança", seu último livro, é feito em forma de diário. É um diário da vida de uma moça da classe média, pequena burguesa sentimental e romântica. É o espelho fiel de uma vida sem grandes horizontes sem grande calor de fraternidade, sem um ideal supremo que lhe dê força e beleza.

**LUIZ WERNECK
DE CASTRO**
ADVOGADO

Rua do Carmo, 49 - 2.º - Sala 2
Diariamente, de 12 às 13 e 16
às 19 horas
Exceto aos sábados
— Fone: 23-1064 —

Distribuidora Unidade

OBRAS SOCIAIS — REVISTAS E JORNAIS

Aceita todo e qualquer pedido de livros pelo serviço de

REEMBOLSO POSTAL

**RUA GENERAL CAMARA, 381, 1.º AND.
PORTO ALEGRE**

Lella, o centro psicológico do livro, é uma figura marcante de egoísmo. Não de um egoísmo de ambições espetaculares, porém desta espécie de egoísmo cotidiano, minucioso, estéril, incapaz de um grande gesto, de uma grande atitude ou de um grande desejo. Quando sua companheira de quarto agoniza abandonada em uma cama que dista da sua apenas alguns centímetros, ela não teve uma emoção mais funda, não vibrou com a tragédia que se desenrolava no âmbito restrito de sua sensibilidade míope; permaneceu fria, impermeável a dor alheia, ausente na vacuidade de seus próprios pensamentos. Para seu egoísmo mórbido mais valia uma página de romance ou o fim de Maria Antonieta do que a própria vida palpitante que lhe circundava. Tem a vocação do cisne, ama a superfície espelhada dos lagos da vida.

Ondina Ferreira foi muito feliz ao traçar o perfil de seu personagem principal. Com toda leveza e suavidade mostrou as mazelas de um mundo hipócrita, as injustiças e as deficiências de uma sociedade envenenada.

Lella resume um tipo, um tipo de fim de civilização, um tipo cuja maldade é apenas incapacidade para o bem.

Ondina Ferreira teve, pois uma grande vitória arrolando no rol de seus personagens, a figura de Lella, figura viva e humana, figura que a três por dois encontramos nos caminhos da vida. Com esta vitória Ondina Ferreira merece não só os aplausos como também o entusiasmo do público.

**MOMENTO
feminino**

EXPEDIENTE

Diretora:

ARCELINA MOCHEL

Gerente:

LUIZA REGIS BRAZ

Redação e Administração:

RUA DO LAVRADIO, 53

Sala 14 — Cx. Postal, 2013

Rio de Janeiro

Número Avulso. . . Cr\$ 1,00

Atrasado. Cr\$ 2,00

NOSSO ROMANCE



"A PEQUENA FADETTE" apareceu em 1849. É o segundo da série de romances campestres que George Sand consagrou a seus queridos camponeses do Berry.

Para reconstituir as circunstâncias nas quais George Sand compôs "A PEQUENA FADETTE", é necessário recordar que ela trabalhou nesse livro em 1848 e publicou seus primeiros capítulos no mês de dezembro de 1848 no jornal "Le Crédit", órgão dos republicanos socialistas. G. Sand começou a escrever esse romance depois das jornadas de Junho. Falhara a revolta operária; a repressão continuava e as prisões eram numerosas. G. Sand, que se dedicara com ardor ao movimento socialista, movimento tão vasto que poucos escritores puderam permanecer insensíveis, ficou profundamente desolada e ferida em sua fé e em sua sensibilidade. Não cessou, entretanto, de se interessar pelos problemas políticos, mas tentou afastar-se dele por uns tempos. A composição deste idílio foi para ela uma diversão que lhe permitiu esquecer-se momentaneamente desses problemas.

As alusões políticas não podiam ser muito diretas nesta obra, porque, aliás, a ação se passa na época da primeira Revolução do Primeiro Império. E, se transparecem, em alguns trechos, as idéias caras a G. Sand, o que constitui o assunto principal é o idílio de dois jovens camponeses.

Sabe-se a facilidade com que G. Sand escrevia. O romance, escrito de um só jato, como os outros, foi terminado em setembro de 1848. O primeiro prefácio data desse mês. O livro deveria aparecer num jornal republicano, mas, tendo esse jornal desaparecido, foi publicado por "Le Crédit", no início do mês de dezembro.

Trata-se de um estudo dos costumes rurais, que se compõe de duas intrigas, colocando no primeiro plano três personagens, os dois irmãos gêmeos (os dois "bessons", como os chama a autora, segundo uma expressão regional) e a pequena Fadetle. Há, por um lado, a intriga sentimental entre Landry, o mais bonito e mais vigoroso dos gêmeos, e a pequena Fadetle, e, por outro lado, o estudo da afeição ciumenta e tirânica de Sylvinet pelo irmão gêmeo. As duas intrigas se entrelaçam tão intimamente que se torna impossível dissociá-las. G. Sand tem marcada preferência pelas intrigas complicadas e se apraz em desmanhá-las. Aqui, a intriga, apesar de tudo, permanece muito simples, porque as duas histórias são estreitamente ligadas, mas permitem que se admire a arte com que G. Sand sabe compor um romance e sustentar constantemente o interesse do leitor, mantendo-o suspenso, sem o cansar um instante.

A narração vai associando com rapidez, numa profunda e poética harmonia, os personagens e o cenário. Não se pode permanecer insensível à beleza das descrições que a própria natureza se torna cúmplice dos heróis e determina às vezes suas reações psicológicas. Lamentar-se-á apenas, a vulgaridade do desfecho, que permite supor uma certa pressa, por parte de George Sand, em terminar sua narração. Isso, entretanto, não pode diminuir o valor das páginas que precedem, principalmente daquelas em que George Sand nos descreve a metamorfose sentimental de Landry em relação a Fadetle.

Três personagens estão no mesmo plano. Primeiro Fadetle, menina adorável, espontânea, implicante, despreocupada dos comentários que provoca, brigando com os meninos. Assiste-se, a seguir, à sua transformação. Torna-se uma rapariga reservada e encantadora. George Sand descreve com um tacto e uma esquisita delicadeza de tom a evolução do amor de Fadetle por Landry, e, talvez por ser mulher, consegue pintar perfeitamente uma verdadeira rapariga, assunto no entanto tão difícil e em que poucos romancistas têm sucesso.

No final, o personagem se estraga. Fadetle torna-se, por momentos, o porta-voz do autor e se faz de discípula de J. J. Rousseau e de apóstolo das teorias socialistas. Chega, por exemplo, a negar a existência do inferno, e defende as pessoas humildes no estilo precatório de Pierre Leroux.

Landry é o tipo do jovem camponês, copiado do original. É um sólido rapaz, simples, natural, que tem dificuldade em discernir os sentimentos alheios e mal conhece os seus próprios. A evolução de seus sentimentos pela pequena Fadetle, que vão do desprezo simpatia, depois ao amor, é indicada com muita finura.

O caráter de Sylvinet não tem a mesma simplicidade. É o estudo do sentimento de clume fraternal levado ao extremo, sentimento que se esperaria mais facilmente encontrar numa menina. O caráter de Sylvinet, aliás, é mais feminino do que masculino. A princípio Sylvinet não tem senão antipatia pela noiva do irmão, pois se vê lesado em seu afeto. Depois seus sentimentos evoluem e, afinal, compreendendo que também a ama, Sylvinet resolve partir. É necessário notar a discreção com que G. Sand trata o final do romance. Em todo o romance, aliás, dá provas de uma delicadeza que lembra mais propriamente Marivaux do que a autora de "Indiana".

Os personagens secundários recordam, em muitos traços, os de "La Mare au Diable".

A ação se passa perto de Nohant, propriedade de George Sand, numa região de que ela conhecia os mínimos recantos. Os nomes são modificados por conveniência. O local exato fica situado na parte do Berry que George Sand denomina o Vale Noué e a que os geógrafos dão na realidade, o nome Baixo-Berry. Pode-se, portanto, fazer uma idéia da exatidão das paisagens e imaginar facilmente os lugares onde se situa a ação do romance. Trata-se de uma região acidentada onde corre o rio do Indre e onde ainda se pode encontrar a passagem das "Roulettes". Ainda hoje é possível identificar os lugares, embora os nomes citados por G. Sand tenham desaparecido quase todos.

Aí, ainda, se encontram as qualidades tão características de G. Sand, pintora paisagens. Ama profundamente a natureza e possui, além disso, o dom de sugerir ao leitor os sentimentos que o espetáculo da natureza faz nascer nela própria; sabe contagiá-lo com suas sensações, fazê-lo sentir a frescura perfumada das tardes de outono. Descreve a natureza por si mesma com um sentimento sincero e profundo, sem se deixar arrastar por qualquer visão romântica.

A descrição, jamais supérflua, incorpora-se à narração e a paisagem chega quase ao ponto de determinar inconscientemente as reações psicológicas dos personagens.

Não apenas nas paisagens, mas ainda os mais insignificantes pormenores concorrem para dar uma impressão de realidade, as descrições das roupas, das casas, das tradições. Torna-se a intérprete das superstições populares muito espalhadas no Berry. Todas essas anotações dão ao romance um verdadeiro sabor regional.

O próprio estilo contribui para isso. Pode-se verificar o grande número de expressões idiomáticas locais que G. Sand introduziu na narração, e que dão ao estilo uma nota viva, ingênua e ousada.

"A Pequena Fadetle" nos mostra a arte e a verdade com que G. Sand sabia traduzir a vida rural. Segundo seu costume, ela embelezou, idealizou os personagens, mas jamais se permitiu falseá-los e essa idealização os ornamenta de uma verdade profunda e simbólica. Assim, não se pode lamentar que George Sand tenha querido mostrar-nos a humanidade embelezada e nos fazer acreditar em mais perfeição. A Pequena Fadetle é tão encantadora, tem respostas tão prontas, tão cheias às vezes de uma fina malícia, os personagens estão de tal forma presos solidamente à terra que os sustenta, que nenhum deles cai jamais na pieguice nem nos cansa pela perfeição. G. Sand nos faz compartilhar de sua simpatia pelos seus personagens e é com emocionada atenção que seguimos as diferentes peripécias de suas histórias.

Assim, o livro bem merece os elogios que lhe conferia Sainte-Beuve amigo de George Sand, e o maior crítico do século XIX, que dizia: "A PEQUENA FADETTE" é um mais picantes e felizes estudos".

Atividades Femininas

UNIÃO FEMININA DE MADUREIRA

A União Feminina de Madureira tem intensificado o seu trabalho de assistência aos moradores do bairro.

Realizou uma visita às suas associadas da Rua Alves, tendo assim, a oportunidade de ouvir as famílias que têm os seus problemas cada vez mais agravados e sem qualquer promessa de solução. A água continua sendo uma das reivindicações mais sentidas. Assim é que constatou a existência de uma única bica para a sua distribuição encontrando-se a mesma sempre seca em quase todos os dias da semana e quando chega a água formam-se filas intermináveis. O problema do esgoto nessa rua é desolador. Não é calçada e todos os despejos são feitos no seu leito. O que mais aflige é mesmo a falta de água qual leva os moradores a caminhadas de 2.000 metros mais ou menos. Já fizeram um ofício ao prefeito solicitando providências e a União prepara um abaixo assinado para ser entregue na Câmara de Vereadores.

Outra visita foi feita este mês, na Rua Cajuru, prolongamento da Rua Alberto Silva, em Campinho. O seu problema fundamental é o calçamento. A União Feminina pleiteará junto ao sr. Prefeito a medida necessária, tendo em vista que a Prefeitura está calçando outras ruas no mesmo bairro. Também constatou a ausência da carroça do lixo, pois, os despejos são feitos na rua, vendo-se montes de lixo em todos os lados.

Além dos comandos que acima descrevemos, estão funcionando as aulas de Corte e Costura, Pintura e Alfabetização. O curso de costura já conta com um número apreciável de alunas.

No Departamento Médico, em pleno funcionamento, as associadas são atendidas com regularidade.

A distribuição de gêneros alimentícios é um dos trabalhos importantes da União de Madureira. Banha, tecidos populares e possivelmente arroz, na próxima semana.

Com a inauguração da Biblioteca, está movimentada a campanha que deram o título — VONTADE DE LER, entre as donas de casa do bairro e suas associadas. MOMENTO FEMININO, o jornal das mulheres, tem sido distribuído am-



plamente e conta com o estímulo das mulheres de Madureira.

Coroando um trabalho eficiente, sentimos que se adiantam os empreendimentos para a fundação de uma Cooperativa, tão desejada e tão necessária à tranquilidade do populoso bairro.

UNIÃO FEMININA DE LARANJEIRAS

A União Feminina de Laranjeiras está programando novas atividades para conseguir tentar resolver os problemas mais urgentes de seu bairro.

A carestia, como em toda a cidade, abrange dia a dia os gêneros de primeira necessidade. E o feijão preto que falta, a banha que atinge preços elevadíssimos, enfim, uma série enorme de dificuldades de toda espécie.

Os moradores dos morros adjacentes e das habitações coletivas principalmente, são os mais sacrificados e as donas de casa estão empenhadas em todos os entraves a sua tranquilidade.

Um dos problemas mais importantes no momento para a União é a aquisição de uma sede no bairro. Pede auxílio, por nosso intermédio, que as nossas leitoras desse bairro informem para a nossa redação qualquer possibilidade nesse sentido, mesmo que seja para o caso de uma sala cedida em caráter provisório. As reuniões no Instituto Feminino do Serviço Construtivo dificultam pela distância a questão de distribuição dos gêneros de primeira necessidade.

No dia 15 de novembro a União Feminina vai comemorar a data da Proclamação da República em conjunto com a União Feminina do Flamengo, e Glória. O ato terá lugar no Instituto Feminino do Serviço Construtivo, à Rua Marques de Abrantes, 144, às 20 horas e falarão sobre a data

entre as oradoras a sr. Alice Tibiriçá.

Por nosso intermédio ficam convidadas todas as organizações femininas do Distrito Federal e as moradoras dos bairros patrocinadores da festa.

FESTA DA MORENINHA

Comemorando a posse da nova Diretoria e confraternizando com a mulher organizada, o "Comitê de Mulheres Pró Democracia", realizará no dia 8 de novembro, às 22 horas, a "Festa da Moreninha".

Os salões da Casa do Estudante do Brasil, à rua Santa Luzia, estará lindamente ornamentada a caráter para a festa alegre que está movimentando um grande número de interessadas e trabalhadoras.

A nova Diretoria não tem poupado esforços para o brilhantismo da festa e os convites já estão sendo muito procurados.

Convidamos às nossas leitoras para o grande baile que pelos preparativos promete ser um acontecimento social de relevo. Os convites podem ser procurados na sede do Comitê ou em nossa redação, na hora do expediente.

Comitê de Mulheres Pró Democracia — Av. Rio Branco, 257-7, sala 715.

Redação de MOMENTO FEMININO — Lavradio, 55 s. 14.

PALESTRA DA DRA. BERTHA LUTZ NA UNIÃO FEMININA DO FLAMENGO

Em sua última assembléia, a União Feminina do Flamengo, Catete e Glória, deliberou festejar as datas de 15 de novembro e de 25 de dezembro, a última com uma grande festa de Natal para as crianças pobres dos três bairros.

Quanto à data aniversária da proclamação da República, será ela comemorada pelas senhoras do Flamengo, Catete e Glória com uma palestra realizada pela dra. Bertha Lutz, presidente da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.

Trata-se, sem dúvida, de um acontecimento nos meios femininos da metrópole, motivo por que a União Feminina do Flamengo se está mobilizando no sentido de que o maior número de mulheres ouça a palavra da grande líder feminina e notável cientista brasileira, em sua sede, à rua Marquês de Abrantes, 144, às 20 horas do dia 15 do corrente.

tista brasileira, em sua sede, à rua Marquês de Abrantes, 144, às 20 horas do dia 15 do corrente.

CURSO POPULAR CHIQUINHA GONZAGA

Comemorando o centenário do nascimento da grande compositora brasileira, inaugurou-se no dia 27 do mês passado, no Salão Nobre da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, o Curso Popular Chiquinha Gonzaga, sob a direção da professora Ecilda Clark.

O programa da festa que tinha por prefixo o famoso "O abre alas!" contou com a colaboração da escritora Jacyrá Gomes e dos seguintes artistas: Maria Nunes, Arlinda Clark de Almeida, Carmen Dolores e muitas outras.

Entre os presentes, além de elementos representativos de nossos meios culturais, anotamos as seguintes entidades: Sociedade de Homens de Letras do Brasil, general Arnaldo Damasceno Vieira; Asilo de Orfãos Anália Franco — Candida Paulo e asiladas; Sociedade Brasileira de Autores Teatrais — Dr. Geisa Bóscoli e diversos membros da Diretoria; Escola Raquel Prado — Prof. Ari Jardim; Club da Mulher Jornalista — Stella Dolores Monteiro; Associação Brasileira de Imprensa, pelo dr. Herbert Moses — Sílvia Moncorvo; Federação Brasileira pelo Progresso Feminino — Noemia Esposel; Instituto Psico Pedagógico — Dra. Alicete de Beltran; Instituto Feminino de Serviço Construtivo — Sra. Erlita Oest; Cruzada Nacional de Educação — Dr. Gustavo Armbrust; Associação

Carloca — Dr. Eduardo Mota; Academia de Letras do Distrito Federal; e União Feminina, com representações de inúmeras senhoras, entre as quais destacamos DD. Nuta Bartlet James e Maria Rosa Magalhães.

FESTA EM SANTO CRISTO

Está sendo ansiosamente aguardada a festa que promoverá domingo, em sua sede, à rua da América, 211, o Departamento Feminino da Associação Cívica de Santo Cristo.

A festa em questão, que consistirá numa tarde-dançante, com refrescos e doces, será iniciada com uma palestra, a cargo de uma das líderes femininas cariocas, possivelmente a sr. Alice Tibiriçá, versando assunto de interesse para as mulheres em geral.

Não só as associadas daquele Departamento, como as suas amigas e todas as mulheres estão convidadas, por nosso intermédio, para comparecerem, domingo, à festa de Santo Cristo.

ANUNCIE EM "MOMENTO FEMININO"



Hotel Granja Itatiaia

780 metros da alt. — Clima ótimo para repouso e week-end — Passeios aprazíveis, escalada às "Aguilhas Negras", 2.790 mts. de altitude

Informações:

RUA WASHINGTON LUIZ, 32 — 2.º AND

TELEFONE: 23-4295

Divirta-se, Contribuindo Para a IMPRENSA POPULAR

Domingo, Dia 9, Na Granja Das Garças, Em Campo Grande Grande Festa Com Dança, "Show" e Apetitoso Angu Abaiana

A LETRA REVELA A PESSOA!

Peço um retrato grafológico

Nome

Pseudônimo

Inclua uma página manuscrita em papel sem pauta.

Remeta para a Caixa Postal 2013, "MOMENTO FEMININO" — RIO DE JANEIRO —

QUASE UMA HISTORIA E O FALSO CONCEITO DE LAR

Ana Montenegro



Em 1932, por ocasião da seca que flagelou o nordeste, eu adquiri uma nova concepção das cousas. Vi milhares de pessoas arrastando-se famintas pelas estradas e centenas de crianças morrendo de fome, de insolação, de doenças as mais terríveis, de cansaço.

Foi quando se me afigurou falso o conceito que eu tinha de lar. A miséria não me atingiu. Não precisei sair de minha casa. Continuei bebendo, comendo, vestindo, lendo e me divertindo, como se a morte não estivesse enchendo os caminhos do esqueleto e o espaço de gemidos, de soluços, de gritos. Minha vida, que continuava, materialmente, sem modificações, tornou-se, intimamente, atormentada. A ocasião das refeições, em vez de minhas mãos, eu via milhares de mãozinhas de crianças, brancas, morenas, negras. Meu sono era povoado de sonhos horríveis. Crianças, sempre crianças. Esqueleticas. Chelas de feridas. Até o vento me soava aos ouvidos como lamentos de flagelados. Foi uma época terrível. Eu tinha um lar e não me sentia nem

segura, nem feliz. A fome do povo de minha terra tinha me atingido, como se eu própria sentisse fome. Onde estava o "lar, doce lar", que me fora exaltado em casa, na escola, em toda a parte? Foi, então, que compreendi que a felicidade não é uma ilha. Foi então, que compreendi que nosso lar só subsiste quando subsistem os outros lares.

Anos mais tarde eu iria aprender longe, de minha terra, do Ceará, nessa outra terra que considero minha, a Bahia, cousas mais interessantes ainda. Aprendi que é inútil o tormento, que é inútil a piedade que se sente, se daí não resulta uma ajuda prática às mu-

lheres, às crianças que passam fome, doentes, desprotegidas, orientando-as, organizando-as, para a luta por uma vida melhor. Era a semente lançada há tantos anos atrás. Ora, o errado conceito de lar! Será que toda a vida teremos os filhos dentro das quatro paredes de uma casa? Seria tolice pensar-se assim ou procurar reter moças e rapazes, com os nossos carinhos de mãe. Eles procurarão os caminhos da vida. Eles encontrarão outros interesses, outros afetos, outras lutas, longe de nós. E, então? Que mundo nós, mães, teremos construído para nossos filhos? Um mundo de justiça? de liberdade? de paz? de fartura? Um mundo em que não haja uma pequena minoria, tirando, da boca das crianças, das nossas crianças, o pão, para transformá-lo em ouro para seus prazeres, para suas guerras, para suas conquistas? E' um mundo diferente, é uma outra vida que teremos de oferecer aos nossos garotos, através de uma luta organizada contra toda a forma de miséria e de opressão. Ali, estão as organizações femininas, de portas abertas, para todas as mulheres que desejem, realmente, um lar. Esse, sim, é o verdadeiro conceito de lar. Isto é, onde a mulher não seja, somente, a boneca, o instrumento de prazer ou aquela que remenda as meias ou faz a comida, mas a companheira que luta para que não falem meias para remendar, nem falte comida sadia e barata para cosinhar.

DR. URANDOLO FONSECA

CIRURGIA GERAL

Consultas diárias das 15 às 17 horas — Tel. 25-4242

CASA DE SAÚDE SANTA MARIA

LARANJEIRAS, 72



MARIA ELISA (Santos) — Existem muitos preparados para fazer em casa a limpeza de pele. Como você pede vamos ensinar um processo mais simples: algodão embebido em éter sulfúrico. Esfregando bem, a pele fica totalmente limpa, sem qualquer substância estranha. O tratamento com éter é principalmente aconselhável para quem tem poros abertos. Depois da limpeza é bom usar um creme nutritivo.

HELENA MARIA (Rio) — O seu pedido será atendido — daremos os conselhos para prolongar sua existência.

Antes de mais nada recomendamos: força de vontade para garantir a conservação da saúde.

Passemos às recomendações necessárias:

I — Evitar excessos e não contrair vícios;
II — Respirar sempre ar puro, muito ar, e fazer exercícios respiratórios. Promover algumas horas de vida ao ar livre e procurar ambientes ricos em vegetação;

III — Fazer diariamente um pouco de ginástica pela manhã;

IV — Dormir cedo e acordar cedo — 8 horas por noite.

V — Tomar banho frio ou quente, friccionando o corpo, conforme o caso, com água fria ou quente;

VI — Combater a tendência para qualquer doença, mesmo hereditária;

VII — Ter serenidade e reflexão, afastando sempre os motivos de irritação e procurando um clima de alegria e tranquilidade;

VIII — Evitar paixões ou sensações nervosas de angústia;

IX — Alimentar-se com propriedade e mo-

deração, observando a capacidade de assimilação e o valor das substâncias alimentares ingeridas.

Val mesmo, estabelecer regras sadias para viver mais?

MARY (São Paulo) — Então você tem um bom rádio e quer ouvir o que se passa no mundo? Vejamos as horas em diversos países em correspondência com as nossas 12 horas: Nova York — 10 horas; Paris — 15 horas; Londres — 15 horas; Moscou — 17 horas e 1 minuto; Lisboa — 15 horas; Genebra — 16 horas; Buenos Aires — 11 horas e 7 minutos; Pequim — 22 horas e 46 minutos; Santiago — 10 horas; México — 8 horas e 23 minutos; Hala — 15 horas; Cuba — 9 horas e 16 minutos.

SILVIA (Belo Horizonte) — Não nos responsabilizamos por conceitos emitidos em artigos assinados — é um princípio de ética jornalística. No entanto, estaremos sempre vigilantes para as opiniões que não são recomendáveis. Deprevidas, possivelmente, aconteceu o que você pondera em sua carta. Aceitamos a sua sugestão que já tinha sido posta em prática para evitar casos do mesmo gênero.

HELOISA (Rio) — Continuaremos a publicar perfis femininos. O acúmulo de matérias e também a campanha eleitoral de São Paulo tomaram muito o nosso espaço nas duas últimas semanas. Vamos atender os pedidos de diversas leitoras — daremos em seguida biografias de Francisca Julia, Madame Curie, George Sand e outras. Continuaremos, também, como você pede, a publicar as cartas de amor. Amor num sentido amplo, você compreendeu bem. Aguarde com paciência e ajude sempre o nosso jornal.



O Chefe Da Família

NICE FIGUEIREDO

Como todas as outras instituições, a família deve ter um chefe. Está, aí, enunciado o velho princípio que coexiste com o mundo. O chefe, o dirigente, o que comanda. Porém, as idéias vão mudando, e, embora, as instituições continuem precisando de chefe, a concepção de autoridade, do poder de mando, vai, pouco a pouco, perdendo aquele caráter individualista, preponderante, cedendo ao comando coletivo e à responsabilidade dividida. Assim também sucede com a instituição familiar.

Nenhuma sociedade sofreu, como a família, a prepotência de um chefe. "O pai — marido — senhor" foi o ditador mais absoluto de todos os tempos. A vontade dele era a sorte dos que integravam o grupo familiar.

Da autoridade absoluta passou-se à relativa, mas, sempre, preponderante. Chegamos a nossa época, aos dias de hoje, tão diversos dos outros tempos e, ainda, o homem é o "chefe" da família. Aqui, então, cabe indagar: "haverá ainda justificativa para o fato de se atribuir só ao homem a chefia da família? Que vantagens resultam para a família e para cada um dos cônjuges da organização familiar?"

Para ambas as perguntas, uma só resposta: "nenhuma".

Nenhuma vantagem, nenhuma justificativa.

E' insustentável hoje o ponto de vista que reconhece a superioridade masculina sobre a feminina. Felizmente, chegou-se a conclusão de que o homem tem peculiaridades assim como as têm as mulheres. São diferentes, mas, tanto um como outro, capazes de realizar o mesmo trabalho. Falam, eloquentemente, as fábricas, as guerras, as prisões, as artes e as letras, onde se emparelham homens e mulheres.

A atribuição da chefia da família ao marido se justificava antigamente pela pretensa superioridade masculina. Superioridade intelectual sobre tudo. Porisso, o marido era o "cabeça" do casal. Ao lado dessa afirmação, sustentando-a, havia o dever de manutenção da família e, para garantir esse dever, atribuía-se-lhe a superioridade econômica, quer a provinda do trabalho (muito raramente) quer a canalizada pelos dotes, heranças e todas essas "insignificâncias" essenciais a um bom casamento.

Operava-se portanto, uma divisão de serviços; às mulheres os serviços domésticos dada a sua capacidade inferior; aos homens os serviços extra-domiciliares, às vezes, piores que os primeiros, mas cujos resultados deveriam assegurar a manutenção da mulher no "trono" domiciliar. A compensação que o homem recebeu por esse encargo foi a "chefia" da família.

Mas hoje, pouco são os homens que conseguem manter suas mulheres nos "tronos" domiciliares. O preço caro com que a vida é vendida forçou-nos a compreender que o trabalho dignifica tanto o homem como a mulher e, sobretudo, ensinou que a divisão dos serviços para render melhor e mais, deveria ser feita segundo as aptidões de cada um e não de acordo com o sexo, como se fazia antes.

Hoje, muitas mulheres e muitos homens trabalham lado a lado, superiores, iguais ou inferiores entre si, como um grupo.

Hoje a família é sustentada tanto pelo marido, como pela mulher e, mais tarde, pelos filhos.

Hoje, a superioridade econômica do homem é relativa e por conseguinte não lhe dá mais a superioridade intelectual.

Por que pois, fazer dele sempre o chefe? Se há necessidade de chefes, que sejam marido e mulher juntos, pois, a família depende essencialmente de duas criaturas, que devem ser tratadas em pé de igualdade para que o "cabeça" seja o mais capaz verdadeiramente e não aquele que se convencionou fôsse o mais capaz.

O convívio familiar é quem dirá qual o chefe. O que não se pode mais admitir é que, em nome de uma tradição sem fundamentos, se dê, por convencionalismo, ao homem a chefia da família e, porisso, se lhe atribua direitos que cerceiem as atividades de outro cônjuge e prejudiquem em suma a própria família.

Nada pois, justifica a reminiscência do antigo poder marital, porque na prática ele perdeu a razão de ser e deve ser substituído pela direção conjunta das duas pessoas que se propuseram constituir mais uma família, em benefício delas e dessa como veremos depois.

DR. LINANDRO DIAS

DOENÇAS INTERNAS -- TUBERCULOSE
RADIOLOGIA PULMONAR

Consultório: Av. Rio Branco, 257 - 18.º and. Sala 1801
Das 14 às 18 horas, às terças, quintas e sábados
Telefone: 42-4443

Residência: — Rua Amoroso Costa, 91 — Tijuca
Telefone: 38-6837

muitas forças para o trabalho, o que não era por sua culpa, pois sabia que o trabalho lhe era benfazejo. Já era muito que aborrecesse o pai com sua tristeza; não queria zangá-lo nem prejudicá-lo com sua covardia. Dedicava-se, portanto, à execução de suas tarefas, e trabalhava encolerizado consigo mesmo. Assim, tomava a si mais do que podia suportar, e, no dia seguinte, estava tão cansado que não podia fazer nada.

— Nunca será um bom trabalhador, — dizia o pai Barbeau — mas faz o que pode, e até mesmo não se poupa bastante. E' por isso que não quero empregá-lo em casa dos outros, pois, pelo temor que ele tem das repreensões, e com as poucas forças que Deus lhe deu, acabaria por se matar de trabalho, e eu teria êsse remorso para o resto da vida.

A mãe Barbeau apoiava essas argumentos e fazia todo o possível para alegrar Sylvinet. Consultou vários médicos a respeito de sua saúde, e uns lhe disseram que era necessário poupá-lo muito, e não lhe dar para beber senão leite, porque ele era fraco; os outros, que era necessário obrigá-lo a trabalhar muito e lhe dar bom vinho para beber, porque, sendo fraco, precisava fortalecer-se. E a mãe Barbeau não sabia a quem dar ouvidos, o que sempre acontece quando se recorre a várias opiniões ao mesmo tempo.

Felizmente que, na dúvida, não obedecia a nenhum, e que Sylvinet caminhou na estrada que Nosso Senhor lhe abria, sem encontrar obstáculos que o derrubassem à direita ou à esquerda, até o momento em que os amores de Landry causaram escândalo, e em que Sylvinet viu seu desgosto acrescido de todos os desgostos de seu irmão.

XXVIII

Foi Madelon quem descobriu o segredo, e, se o fez sem maldade, não tardou a tirar do caso um mau partido. Consolara-se bem de pressa do rompimento com Landry, e, não tendo perdido tempo em amá-lo, não lhe foi preciso muito tempo para esquecê-lo. Ficaram-lhe, entretanto no coração, um restinho de rancor, que só estava à espera da ocasião para estourar, o que prova ser verdadeiro que o despeito nas mulheres dura mais do que a saudade.

Eis como a coisa aconteceu: a bela Madelon, afamada por seus ares ajuizados e por seus modos altivos com os rapazes, era, entretanto muito vaidosa e namoradeira sem o dar a perceber. Assim, a bela Madelon já tivera dois namorados sem contar Landry, e estava se decidindo a favor de um terceiro, que era seu primo, o filho caçula do Pai Caillaud da la Priche. E de tal forma se decidiu que, sendo viglada pelo último, a quem dera esperanças, e temendo que ele fizesse algum escândalo, sem saber onde se escondesse para conversar à vontade com o novo, deixou-se persuadir pelo primo de ir tagare-

lar no pombal, onde justamente Landry tinha encontros honestos com a pequena Fadette.

Cadet Caillaud procurava muito tempo a chave desse pombal, e não a encontrara, porque ela continuava no bolso de Landry. Não ousara perguntar por ela a ninguém, pois não tinha bons motivos para explicar por que a queria. Ninguém, aliás, exceto Landry, se preocupava em saber onde estava essa chave. Julgando que estivesse perdida ou metida no molho de chaves do pai, Cadet Caillaud não fez cerimônias para arrombar a porta do pombal. Mas, no dia em que agiu assim, Landry e Fadette lá se encontravam, e os quatro namorados ficaram muito embaraçados uns perante os outros. Foi o que convenceu todos eles que deviam ficar calados e não deixar que a história se espalhasse.

Mas Madelon teve como que um acesso de ciúme e cólera, vendo Landry, que se tornara um dos mais belos rapazes da região, e dos mais estimados, conservar, desde a festa de Santo Andoche, tão bela fidelidade à pequena Fadette e tomou a resolução de se vingar. Para isso, sem nada contar a Cadet Caillaud, que era homem de bem, e não teria concordado, recorreu ao auxílio de uma ou duas moinhas de sua amizade, que, um pouco despeltadas, por sua vez, do pouco caso em que Landry as tinha, nunca as convidando para dançar, começaram a espreitar de tal forma a pequena Fadette, que não lhes foi preciso muito tempo para se certificarem de sua amizade por Landry. E mal os espreitaram e os viram uma ou duas vezes juntos, fizeram grande estardalhaço em toda a região, dizendo a quem quisesse ouvi-las — e sabe Deus como a maledicência encontra sempre ouvidos para se fazer ouvir e línguas para repetir suas histórias — que Landry fizera um mau conhecimento na pessoa da pequena Fadette.

Então toda a mocidade feminina se meteu no caso, porque, quando um rapaz de bom aspecto e bons haveres escolhe uma jovem, é como se fizesse uma ofensa a todas as outras, e se podem cortar nessa pessoa, as prejudicadas não se privam. Pode-se também dizer que uma maldade, quando é inspirada pelas mulheres, vai depressa e longe.

Assim, quinze dias depois da aventura da torre de Jacon, sem que se falasse na torre, nem em Madelon, que tivera o cuidado de não aparecer e que fingia, receber como uma novidade aquilo que fôra a primeira a revelar em surdina, todo mundo sabia, grandes e pequenos, velhos e jovens, dos amores de Landry o gêmeo com Fadette o grilo.

E o rumor chegou até aos ouvidos da mãe Barbeau, que se affligiu muito e não quis contar ao marido. O pai Barbeau, porém, veio a sabê-lo por outros, e Sylvainet que guardara discretamente o segredo do irmão, teve o desgosto de ver que todo mundo o conhecia.

Ora, uma tarde, quando Landry pensava em sair da Bessnonnière mais cedo, como tinha o hábito de fazer, o pai lhe disse, em presença da mãe, da irmã mais velha e do irmão gêmeo:

— Não tenhas tanta pressa em nos deixar, Landry, pois tenho que falar contigo; espero apenas a chegada de teu padrinho, porque é diante daqueles da família que mais se interessam por tua sorte que te quero pedir uma explicação.

E quando chegou o padrinho, que era o tio Landry, o pai Barbeau falou assim:

— O que tenho a te dizer te causará um pouco de vergonha, meu Landry, por isso, não é sem um pouco de vergonha, nem sem muito pena, que me vejo obrigado a te confessar perante toda a família. Mas espero que esta vergonha te seja salutar, e que te cure de uma fantasia que poderá te causar prejuízos.

Parece que fizeste uma amizade que data da festa de Santo-Andoche, vai fazer um ano. Falaram-lhe desde a primeira vez, porque era uma coisa inacreditável ver-te dansar um dia inteiro de festa com a moça mais feia, mais suja e mais mal afamada de nossa terra. Não quis dar atenção ao caso, pensando que tudo não passasse de um divertimento teu, o que eu não aprovava, porque, se acho que não se deve manter relações com quem não presta, acho também que não se deve aumentar sua humilhação e a desgraça que eles têm de desagradar a todo mundo. Deixei de te falar a esse respeito, pensando, ao te ver tão triste no dia seguinte, que estavas arrependido e não tornarias a agir assim. Mas eis que, de uma semana para cá, tenho ouvido dizer mais coisas, e embora o tenho ouvido de pessoas que merecem fé, não quero acreditar, a menos que confirmes suas palavras. Se fui injusto suspeitando de ti, quero que o atribuas apenas ao interesse que tenho por ti e ao meu dever de tomar conta de teu comportamento. Se essas coisas são mentirosas, tu me causarás uma grande alegria dando-me tua palavra e provando-me que te intrigam junto a mim.

— Meu pai — disse Landry — diga-me, por favor, de que me está acusando, e eu lhe responderei segundo a verdade e o respeito que lhe devo.

— Acusam-te, Landry, e creio que já te dei a entender, de relações desonestas com a neta da mãe Fadet, que é uma mulher muito má, sem contar que a própria mãe dessa infeliz rapariga procedeu muito mal, abandonando o marido, os filhos e esta terra para acompanhar os soldados. Acusam-te de passear por todos os lados com a pequena Fadette, o que me faz temer que te tenhas embebido com ela em amores perniciosos, de que te arrependerás tua vida inteira. Compreendeste, afinal.

— Compreendi muito bem, meu caro pai — respondeu Landry — e permita-me ainda uma pergunta antes que eu lhe responda. E

por causa de sua família ou sómente por causa dela mesma que o senhor considera Fadette uma amizade perniciososa para mimá.

— E', certamente, por uma e por outra coisa — continuou o pai Barbeau com um pouco mais de severidade do que usara no principio, pois esperara encontrar Landry muito embaraçado e o encontrava tranquilo e decidido a tudo — Primeiro, porque um mau parentesco é uma mancha muito feia, e que nunca uma família estimada e honrada, como é a minha, consentiria em aliar-se com a família Fadet. Depois, porque a pequena Fadette, por si mesma, não inspira estima nem confiança a ninguém. Nos a vimos crescer, e sabemos todos o quanto vale. Já ouvi dizer, e o reconheço, por a ter visto duas ou três vezes, que de um ano para cá ela se comporta melhor, já não anda de um lado para outro com os meninos e não responde mal a ninguém. Estás vendo que não me quero afastar da justiça; mas isso não basta para acreditar que uma menina que foi tão mal educada possa jamais vir a ser uma mulher honesta, e conhecendo a avó, como a conheci, tenho razões para temer que haja em tudo isso uma intriga armada para te arrancar promessas e te causar vergonha e aborrecimentos. Disseram-me, mesmo, que a pequena estava grávida, o que não quero crer levemente, mas que me penalizaria muito, porque o fato te seria atribuído e censurado, e poderia acabar por um processo e escandalo.

Landry, que desde a primeira palavra tivera intenção de ser prudente e de se explicar com doçura, perdeu, entretanto, a paciência. Ficou vermelho como o fogo, e disse, levantando-s:

— Meu pai, aqueles que lhe disseram isso mentiram como cães. Fizeram tal insulto a Fadette que, se eu os apanhasse aqui, seria preciso que eles se defendessem ou que lutassem comigo, até que um de nós ficasse caído por terra. Diga-lhes que eles são uns covardes e uns pagãos; eles que venham me repetir, de frente, tudo o que lhe insinuaram como traidores, e havemos de ver o que acontecerá!

— Não te zangues assim, Landry — disse Sylvinet, abatido do desgosto — Meu pai não te acusa de teres feito mal a essa menina, mas ele teme que ela se tenha metido em complicações com outros, e queira fazer acreditar, passeando contigo dia e noite, que tu é que lhe deves reparação.

XXIX

A voz de irmão gêmeo acalmou um pouco Landry, mas as palavras de Sylvinet não podiam ficar sem revide.

— Irmão — disse ele — não comprehendes nada do que está se passando. Sempre te mostraste prevenido contra a pequena Fadette, e não a conheces direito. Pouco me importa o que possam falar de mim; mas não admitirei o que dizem contra ela, e quero que meu pai

PEQUENA FADETE

e minha mãe saibam por mim, para que se tranquilizem, que não existe neste mundo outra rapariga tão honesta, tão sensata, tão boa, tão desinteressada quanto essa menina. Se ela tem a infelicidade de ser mal aparentada, tanto maior é o seu mérito de ser o que ela é, e eu jamais teria imaginado que almas cristãs pudessem censurá-la pela desgraça de seu nascimento.

— Você está tomando ares de quem pretende censurá-me, Landry — disse o pai Barbeau, levantando-se também, para lhe mostrar que não suportaria que o incidente fosse mais longe entre ambos. — Estou vendo, pela sua atitude, que você está mais calado por essa pequena Fadette do que eu desejaria. Já que você não sente nem vergonha nem remorso, não falemos mais nisso. Tomarei as providências que me competem para evitar uma loucura de mocidade. Agora, você deve voltar para a casa de seus patrões.

— Você não nos deixará assim — disse Sylvinet, retendo o irmão, que fazia menção de partir. — Meu pai, veja que Landry está tão sentido por lhe ter desagradado, que nem pode dizer nada. Dê-lhe seu perdão e beije-o, porque ele vai chorar a noite inteira, e seu descontentamento é um castigo muito grande para ele.

Sylvinet chorava, a mãe Barbeau chorava também, e da mesma forma a irmã mais velha e o tio Landry. Só o pai Barbeau e Landry é que tinham os olhos secos, mas seus corações estavam maguados. Fizeram com que ambos se abraçassem. O pai não exigiu qualquer promessa, sabendo que, nos casos de amor, essas promessas são precárias e não querendo comprometer sua própria autoridade. Fez, porém, com que Landry compreendesse que a explicação não estava terminada e que a ela voltariam.

Landry retirou-se carrancudo e penalizado. Sylvinet bem que gostaria de o ter acompanhado, mas não o ousou, pois adivinhava que o irmão ia dar parte de seus desgostos a Fadette, e, assim, deixou-se tão triste, que, durante a noite inteira, não fez mais do que suspirar e sonhar com desgraças para a família.

Landry foi bater à porta da pequena Fadette. A mãe Fadette tornara-se tão surda, que, pegando no sono, nada a acordava, e havia já algum tempo que Landry, vendo-se descoberto, não podia conversar com Fadette senão à noite, no quarto onde dormiam a velha e o pequeno Jeanet; e agindo assim arriscava-se muito, porque a velha bruxa não podia suportá-lo e o teria enxotado a cabo de vassoura, sem cerimônia alguma. Landry contou suas penas à pequena Fadette, e a encontrou muito submissa e corajosa. A princípio, ela tentou persuadi-lo que faria bem, em seu próprio interesse, dê-lo, Landry, de retirar-lhe a amizade que lhe dera e de esquecê-la. Mas quando viu que ele se afligia e se revoltava cada vez mais, convidou-o à obediência, dando-lhe esperanças nos tempos futuros.

— Escuta, Landry, — disse-lhe ela — eu sempre tive o pressentimento do que está nos acontecendo e pensei muitas vezes no que

fariam, quando chegasse o momento. Teu pai não deixa de ter razão, e não lhe quero mal algum, pois é pela muita afeição que te dedica que teme te ver apaixonado por uma pessoa tão pouco metida em eu. Perdoo-lhe, pois, um pouco de orgulho e de injustiça para comigo, mas não podemos negar que na minha adolescência fui louca, e tu mesmo me censuraste meu procedimento no dia em que começaste a me amar. Se, de um ano para cá, eu me corriji de meus defeitos, isso foi há tão pouco tempo que ele ainda não pode ter confiança, conforme te disse hoje. — E' preciso que o tempo corra sobre essas coisas, e, pouco a pouco, as prevenções contra mim desaparecerão e as feias mentiras que andam espalhando agora cairão no vazio. Teu pai e tua mãe acabarão compreendendo que eu tenho juízo, e que não quero te desencaminhar nem tirar o teu dinheiro. Farão justiça à honestidade do meu afeto e poderemos encontrar-nos e conversar sem nos esconder de ninguém; mas, esperando, é preciso que obedeça a teu pai, que, estou certa, vai te proibir de falar comigo.

— Nunca eu teria coragem para isso — disse Landry — Preferiria atirar-me no rio.

— Pois bem, se não tens essa coragem, eu a terei por ti — disse a pequena Fadette. — Irei embora, deixarei a região por algum tempo. Há já dois meses que me oferecem um bom emprêgo na cidade. Minha avó está tão surda e tão idosa, que quase não se preocupa mais em fazer e em vender suas drogas, e já não pode dar consultas. Ela tem uma parenta muito boa, que se oferece para vir morar e que tratará dela muito bem, assim como de meu pobre saltãozinho...

A pequena Fadette perdeu a voz por um momento, com a idéa de deixar aquela criança, que ora, com Landry, seu grande amor neste mundo; mas retomou coragem, e disse:

— Ele agora tem bastante saúde para passar sem mim. Vai fazer a primeira comunhão, e o divertimento de ir ao catecismo com as outras crianças há de distrai-lo da tristeza de minha partida. Deves ter observado que ele está agora muito quietinho, e que os outros meninos já não o perseguem como outrora. E afinal, é preciso, Landry; é preciso que se esqueçam um pouco de mim, porque há, neste momento, muita raiva e muita inveja de mim neste lugar. Quando eu tiver passado um ou dois anos fora, e quando eu voltar com bons certificados e boa fama, que poderei adquirir mais facilmente longe daqui, não nos torturarão mais, e havemos de ser mais amigos do que nunca.

Landry não quis dar ouvidos a essa proposta. Desesperou-se ainda mais e voltou para a Prínche num estado que faria pena aos mais duros corações.

Dois dias mais tarde, quando ia levar o tonel para a vindima, Cadet Cailland lhe disse:

— Estou vendo, Landry, que estás sentido comigo, e que, de alguns tempos para cá, nem me falas mais. Acreditas, por certo

que fui eu que espalhei teus amores com a pequena Fadette, e fico aborrecido de poderes acreditar em semelhante vilania de minha parte. Tão certo como Deus estar no céu, nunca disse uma palavra a esse respeito, e é uma tristeza para mim ver que te causaram todos esses aborrecimentos. Sempre te quis muito bem e nunca fiz injúria à pequena Fadette. Posso mesmo dizer que tenho estima por essa moça desde o que nos aconteceu no pombal, pois ela poderia contar o caso, por sua parte, mas nunca ninguém soube de nada, de tal modo ela foi discreta. E, no entanto, ela poderia ter falado, só para se vingar de Madelon, que ela bem sabe ter sido a autora de todos esses mexericos; mas ela não o fez, e vertico, Landry, que não devemos nos fiar nas aparências e nas relações. Fadette, que passava por má, foi boa e a Madelon, que passava por boa, foi muito traidora, não somente para com Fadette e para contigo, como ainda para comigo, que neste momento tenho muitas razões de queixa de sua fidelidade.

Landry aceitou de bom coração as explicações de Cadet Caillaud, que procurou consolá-lo como pôde.

— Causaram-te muitos desgostos, meu pobre Landry — falou ele, ao terminar — mas debes achar tua consolação no bom comportamento da pequena Fadette. Ela agiu muito bem indo embora para fazer cessar os tormentos de tua família, e acabo de lhe dizer isso mesmo, quando me despedi dela ao passar.

— Que estás me dizendo aí, Cadet? — exclamou Landry — Ela vai embora? Ela partiu?

— Não o sabias? — perguntou Cadet — Pensei que fosse coisa combinada entre os dois e que não a acompanhavas para não seres censurado. Mas ela vai embora, isto é certo; passou por perto de casa, não há mais de um quarto de hora, e levava a trouxinha debaixo do braço. Ia para Chateau-Meillant, e, pelo tempo, não deve ir mais longe do Vieille-Ville ou então a ladeira d'Urmont.

Landry deixou o agulhão encostado no frontal de seus bois, e começou a correr, só parando quando encontrou a pequena Fadette, no caminho de areia que desce das vinhas de Urmont à Formelaine.

Lá, abatido pelo desgosto e exausto de sua corrida apressada, caiu atravessado no caminho, sem poder falar, mas dando-lhe a conhecer, por gestos, que ela teria de lhe pisar sobre o corpo para seguir adiante.

Quando se sentiu um pouco melhor, ouviu a pequena Fadette que lhe dizia:

— Queria poupar-te esse sofrimento, meu caro Landry, e fazes tudo o que podes para me tirar a coragem. Se um homem, e não me impeças de ter coração! Preciso de mais valor do que imaginas; quando penso que meu pobre pequenino, meu Jeanet, a esta hora está me procurando e chorando por mim, sinto-me tão fraca que, por um nada, seria capaz de arrebentar a cabeça nestas pedras. Ah! imploro-te, Landry, ajuda-me, em vez de me afastares do

meu dever, porque, se eu não fôr hoje, nunca mais irei, e estaremos perdidos.

— Fadette, Fadette, não precisas de tanta coragem assim — respondeu Landry — Sentes apenas a falta de um criança que se consolará depressa, porque é uma criança. Não te importas com meu desespero; não conheces o que é o amor; não sentes amor por mim, e vais me esquecer depressa, e por isso talvez nunca voltes aqui.

— Hei de voltar, Landry; tomo Deus por testemunha de que voltarei dentro de um ano, no mínimo, dentro de dois anos no máximo, e que não te esquecerei. Nunca hei de ter outro amigo nem outro namorado do que tu.

— Outro amigo é possível, Fadette, porque nunca hás de encontrar outro que te seja tão dedicada quanto eu sou; mas outro namorado, isso não sei. Quem me pode assegurar?

— Sou eu quem te assegura!

— Tu própria não o sabes, Fadette, tu nunca amaste, e, quando o amor chegar para ti, nem te lembrarás de teu pobre Landry. Ah! Se me tivesses amado do modo como eu te amo, não me deixarias assim.

— Achas isso, Landry? — disse a pequena Fadette, olhando-o com um ar triste e muito sério — Talvez nem saibas o que estás dizendo. Eu, por mim, acredito que o amor me obrigaria a fazer muito mais do que a amizade manda que se faça.

— Pois bem, se fosse o amor que te mandasse agir assim, meu desgosto não seria tão grande. Oh! Sim, se fosse o amor, acho até que eu seria quase feliz na minha infelicidade. Eu teria confiança em tua palavra e esperança no futuro; teria a coragem que tens, juro!... Mas não é o amor, tu me disste isso muitas vezes, e pude vê-lo pela tua grande tranquilidade a meu lado.

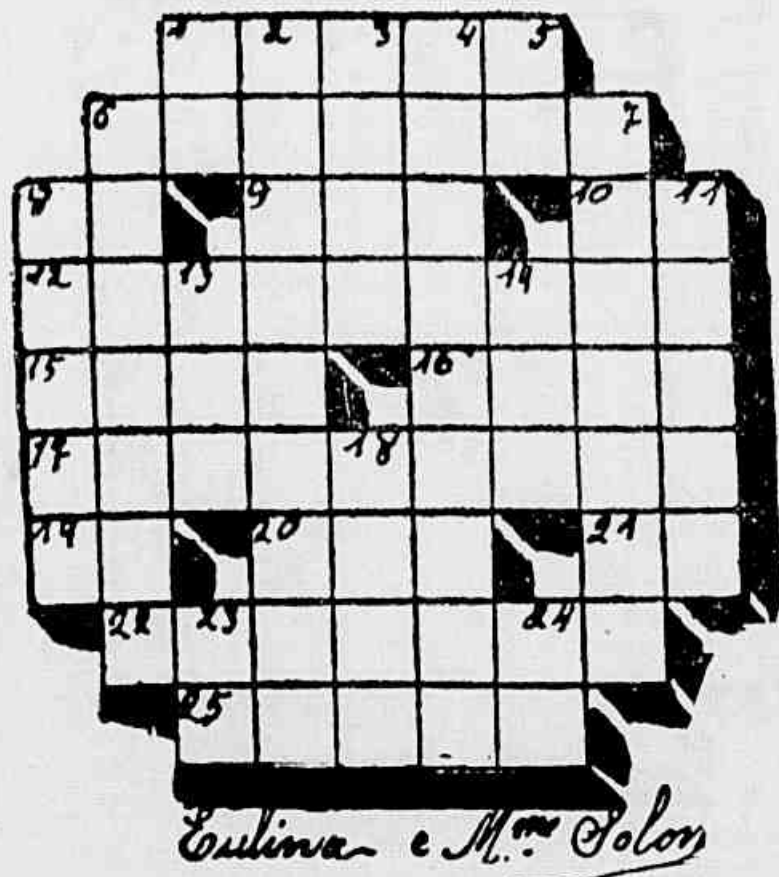
— Assim, tu pensas que não é o amor — disse a pequena Fadette. — Estás bem certo disso?

E, olhando sempre para ele, seus olhos se encheram de lágrimas que rolaram sobre suas faces, enquanto sorria de modo muito estranho.

— Ah! Meu Deus! Meu pai do céu! — exclamou Landry, tomando-a nos braços — se eu pudesse estar enganado!

— Pois eu creio que estás muito enganado, de fato — respondeu a pequena Fadette, sempre sorrindo e chorando — creio que desde a idade de treze anos o pobre grilo deu sua atenção a Landry, e nunca olhou para outro. Creio que, quando ela o seguia por campos e caminhos, dizendo-lhe tolices e implicâncias para forçá-lo a reparar nela, ela ainda não sabia o que estava fazendo, nem o que a impelia para ele. Creio que, quando saiu um dia a procura de Sylvinet, sabendo que Landry estava em apuros, que o encontrou à beira do rio, muito pensativo, com um cordeirinho nos joelhos, ela se fingiu de feiticeira com Landry, a fim de que Landry se visse forçado a lhe dedicar gratidão. Creio que, quando

PALAVRAS CRUZADAS



CHAVES HORIZONTAIS

1 — Atarracado. 6 — harmonioso. 8 — A mãe de tudo, nas tradições amazônicas. 9 — Gracejar. 10 — Abreviatura de reis. 12 — Enclausurada. 15 — Levantam. 16 — Comprar garrotes de ano mais ou menos. 17 — Banco de maltrapilhos. 19 — Preposição latina. 10 — Outro tanto. 21 — Caminhar. 22 — Divido em bairros. 25 — Correli-gionárias.

CHAVES VERTICAIS

1 — "Árvore da ciência". 2 — Financiar. 3 — Descendente de Maomé. 4 — Grade pesada de madeira. 5 — Símbolo do osmio. 6 — Enraizada. 7 — Prova judiciária. 8 — Mortandade. 11 — Curar. 13 — Nome dos vagões de passageiros nos Estados Unidos. 14 — Marco das portas. 18 — Cidade da Galiléia. 23 — Símbolo do bismuto. 24 — Abreviatura de reis.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 15

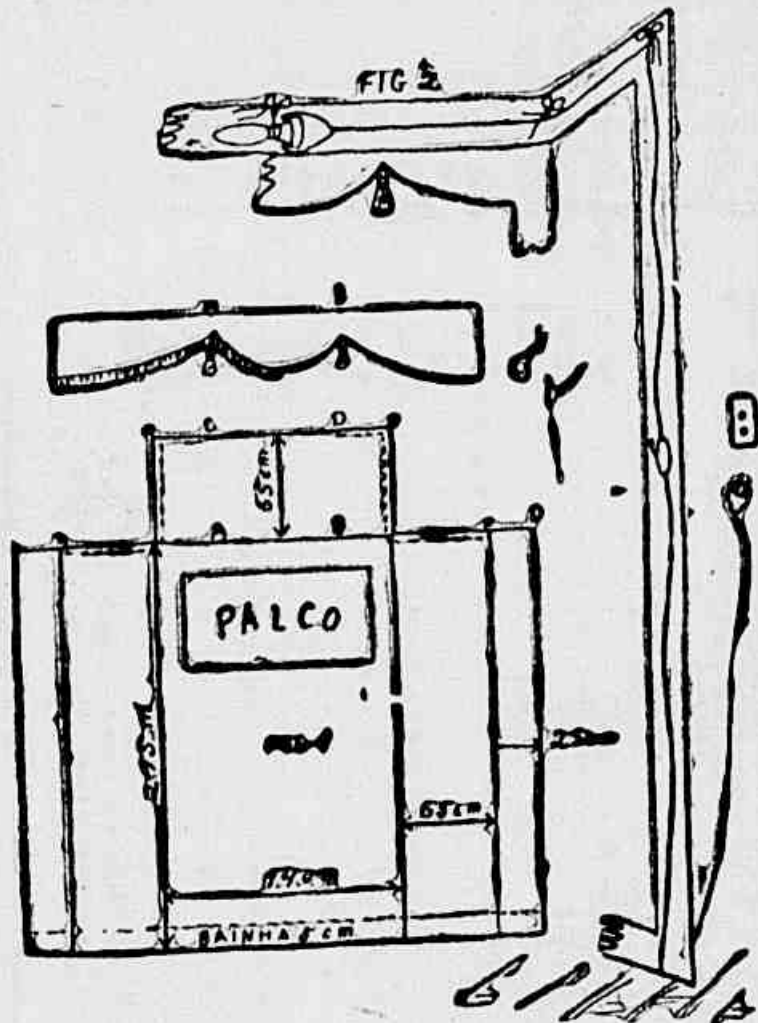
HORIZONTAIS — 1 — Ecar; 5 — Edaz; 9 — Mare; 10 — Nave; 11 — Ar; 12 — Gás; 14 — Iu; 15 — Sonegadas; 18 — Amuro; 19 — Asse-diada; 23 — Sô; 24 — Rol; 25 — Une; 26 — Alla; 28 — Hora; 30 — Soar; 31 — Agar.

VERTICAIS — 1 — Emas; 2 — Caro; 3 — Ar; 4 — Regenerar; 13 — Agudo; 5 — Ensarilha; 6 — Da; 7 — Ávia; 8 — Zeus; 13 — Agudo; 19 — Asas; 20 — Solo; 21 — Dura; 22 — Amar; 27 — Sa; 28 — Og.

TEATRO DE FANTOCHES

MARIETA JACQUES

A capa do teatro tem que ser feita de um tecido que não seja transparente, poderá ser liso ou listrado; se for liso devemos escolher uma fazenda larga para não ficar com muitas emendas. A capa listrada deverá ser feita com listras horizontais e aconselhamos um tom neutro para não desviar a atenção do palco. Na fig. 1 damos o molde com as dimensões já calculadas para as costuras e folgas, pois a capa



deverá ser folgada para facilitar a sua colocação sobre o biombo. A quantidade da fazenda depende da largura que poderá ser calculada pelo molde. A sanefa podemos guarnecê-la com borlas, contorná-la com pequena franja ou debruá-la com cadarço (ver fig. 2). A sanefa deverá ser forrada para não deixar transparecer a luz da lâmpada (mínimo de 120 - 25 W) que está colocada dentro do palco, amarrada no sarrafo. Na próxima aula ensinaremos a fazer a cortina ou pano de boca.

GRANDE FESTA PRÓ-TRIBUNA POPULAR DOMINGO, DIA 9

EM

CAMPO GRANDE

"SHOW" COM A PRESENÇA DE JARARACA,
MARIO LAGO E OUTROS ARTISTAS DOPOVO!

★

Dança, desde a hora de chegada, num grandioso salão, da GRANJA DAS GARÇAS!

★

Ótimo serviço de bar! Transporte de Campo Grande a cargo da Comissão Organizadora! Barracas! Provas esportivas

"A MANHÃ"

ÓRGÃO DE ATAQUES... DE RISO

É o maior quintafeirino do mundo

BREVEMENTE
o reaparecimento de

ESFERA

UMA REVISTA
DE CULTURA



Canção Inesquecível (Night and Day) — musical em technicolor. A história romanceada do compositor norte americano Cole Porter. É um filme agradável, para todos os gostos. Muita música, muitos shows, muitas meninas bonitas, muitas vozes agradáveis inclusive a de Mary Martin. Nêle atuam Cary Grant fazendo Cole Porter, Alexis Smith, Monty Wooley, nos principais papéis. De Alexis Smith, "a mocinha", o comentário não pode ser muito agradável. Trata-se de uma cavaleira meia cara de pau, sem grande valor. Cary Grant e Monty Wooley são ambos grandes atores e com personalidades astísticas tão marcantes que enchem todo o filme. Pena é que se faça Cary Grant cantar o que não é muito de seu tipo. O technicolor é ainda demasiado vivo. Os americanos não acertaram ainda a mão na questão da cor. O colorido é espalhafatoso, berrante. Nesse filme há a recomendar os bailados. São bailarinos de renome que os executam principalmente o primeiro deles, cujo nome não guardamos. Grande ballet.

Nessa hora tão amarga e tão cheia de apreensões, um filme desse gênero não exigindo raciocínio nem cutucando problemas ou pretendendo resolvê-los com água de flor, é muito agradável.

A cronista andou meio sem tempo e muito sem dinheiro para ir aos cinemas. Perdeu, por exemplo, "Desencanto", um filme inglês que está sendo muito elogiado pelos entendidos. Várias pessoas de reconhecido bom gosto cinematográfico elogiam calorosamente esse filme. Um deles disse: "O bom mesmo é que é uma história de gente sem história".

Outro filme que também está merecendo aplausos dos citados entendidos é o "Rei se diverte", filme italiano.

A cronista promete que na próxima semana irá mais vezes ao cinema... se houver dinheiro...

TRÁGICA SUSPEITA (Celos) Filme argentino baseado na "Sonata de Kreutzer" de Toestoi. A história é a de um marido ciumentíssimo (lêde anormal) que cria em sua imaginação doentia um caso de amor da esposa com um músico célebre.

O cinema argentino caminha em longos passos para a aquisição do título de bom cinema. No meio de sua produção abundante e de muitos filmes Tango-argentino, aparece por exemplo, um "Celos" que traduzido deu "Trágica Suspeita". (Que tristeza para o nosso cinema nacional que não progride! Onde andam vocês "Cineastas" da "Aventura aos 40"?).

Está claro que ainda há teatro nesse filme da Argentina: a cena da conversa entre a mãe, o marido e o amigo médico é horrível, de cenário visível e marcação teatral. Mas há também cinema do melhor e Pedro Lopes Lagar é um bom artista. O delírio imaginista de chegar em casa e encontrar a esposa com o "outro" é bom cinema, a cena do cabaré com o Show é muito ruim. O espectador pode perguntar por que aquilo?

Mas vão ver o filme. O diretor é diretor mesmo, Lully Moreno é linda. O elenco é bom. O filme vale a pena.

E.M

ENIGMA N.º 3



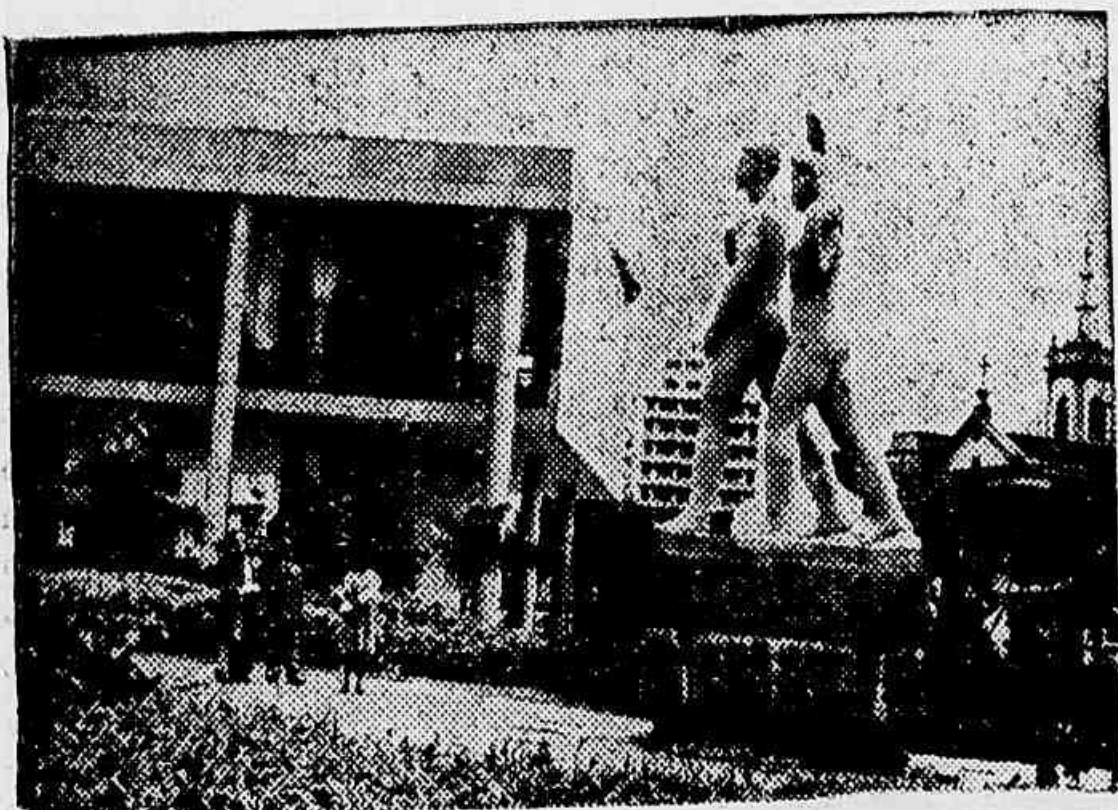
LABORATÓRIO DE ANÁLISES E PESQUISAS CLÍNICAS

RUA SANTA LUZIA, 305 - 10.º and. - salas 1013/1014

Exames de urina, Pús, Fêzes, Escarro, Líquor — Diagnóstico de gravidez — Vaginas — Diagnóstico sorológico da sífilis, cutireações — Tubagem Duodenal — Lavados Traqueo-brônquios

DR. EVALDO DE OLIVEIRA

ACADM. EVANDRO DE OLIVEIRA - GUSWEN REGIS BRAZ
Tec. OCTACILIO F. DE MELLO
Das 9 às 11 e das 14 às 18 horas



MONUMENTO • ARTISTICO

O edifício do Ministério da Educação e Saúde tem levado para o estrangeiro a maior glória já conquistada pela Arquitetura Brasileira.

Oscar Niemeyer, seu autor, é um nome respeitado no mundo inteiro pelas maiores figuras da arquitetura Internacional.

Culminou na ONU trabalhando lado a lado com os mais afamados arquitetos e voltou para assistir sua obra terminada com a Inauguração do "Monumento à Juventude", da autoria de um artista não menos famoso — o escultor Bruno Giorgi.

Ninguém podia compreender a indiferença, pelo menos dos cariocas, em face das estátuas espalhadas pelas praças de sua cidade.

Agora, que assistimos uma realização tão grandiosa, sentimos como o povo é capaz de destacar os legítimos valores da arte brasileira.

A Juventude do Brasil é como, Bruno Giorgi foi capaz de plasmar. Radiante, de pés firmes na terra, cabeça erguida, sentimentos puros e humanos, confiando sempre no destino histórico de sua Pátria.

Não pretendemos aqui, observar o sentido artístico plástico desse monumento brasileiro; pretendemos é comunicar às nossas leitoras um sentimento de emoção e de alegria.

E assistindo, esse espetáculo tão cheio de elevação num dos ambientes de mais rara beleza — que é o nosso primeiro edifício, sentimos a força da arte quando significa vida e vale como expressão humana.



**Divirta-se Na Granja Das Garças No Dia 9
e Vote Na Senhorita Imprensa Popular**